



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS NA**  
**EDUCAÇÃO BÁSICA**

**ESTUDOS SOBRE A NATUREZA DO AGIR EM**  
**PROJETO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA:**  
**ANÁLISE DO PROJETO DE EXTENSÃO**  
**“CIÊNCIA PARA POETAS NA ESCOLA”**

**CRISTIANA DE BARCELLOS PASSINATO**

Rio de Janeiro  
2014

**CRISTIANA DE BARCELLOS PASSINATO**

**ESTUDOS SOBRE A NATUREZA DO AGIR EM  
PROJETO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: ANÁLISE  
DO PROJETO DE EXTENSÃO “CIÊNCIA PARA POETAS  
NA ESCOLA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de especialista em Políticas Públicas e Projetos Socioculturais em Espaços Escolares do Curso de Especialização de Saberes e Práticas na Educação Básica.

**Orientadores:**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cássia Curan Turci**

**Prof<sup>o</sup>. Dr. Waldmir Nascimento de Araújo Neto**

Rio de Janeiro  
2014

P288

Passinato, Cristiana de Barcellos.

Estudos sobre a natureza do agir em projeto de divulgação científica: análise do projeto de extensão “Ciência para poetas na escola”/ Cristiana de Barcellos Passinato – Rio de Janeiro: UFRJ/IQ, 2014.

58 f.: il.

Orientadores: Cássia Curan Turci.

Waldmir Nascimento de Araujo Neto.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2014.

1. Projetos em Ambientes Escolares. 2. Hermenêutica de Paul Ricoeur. 3. Divulgação Científica. I. Turci, Cássia Curan. (Orient.). II. Araújo Neto, Waldmir Nascimentode. (Orient.). III. Universidade Federal do Rio de Janeiro. , Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD: 371.12

Aos meus pais, irmão, cunhada e sobrinha que tanto me apoiaram em todos os meus passos profissionais e acadêmicos.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que me propiciaram o ambiente e ferramentas necessárias para a escrita da monografia em questão.

Aos meus orientadores, principalmente o professor Waldmir Nascimento de Araújo Neto por toda sua receptividade ao grupo de estudos do Leseq (Laboratório de Estudos em Semiótica e Educação Química) e atenção ao meu trabalho dando todo suporte e auxílio necessários. Também à professora Cássia Curan Turci que forneceu contatos imprescindíveis a execução da pesquisa de campo do presente trabalho monográfico.

Ao meu examinador, professor Antonio Carlos de Oliveira Guerra que fez considerações tão valiosas para escrita da versão final desse trabalho, enquanto compôs a banca avaliadora de minha defesa.

Aos professores do curso de Políticas Públicas e Projetos Socioculturais em Espaços Escolares do Curso de Especialização de Saberes e Práticas na Educação Básica que quebraram paradigmas e trouxeram à sala de aula tanta formação, agregando valor ao meu exercício como professora pública.

Aos professores, pesquisadores e funcionários que nos acompanharam do projeto Criança Petrobras na Maré e da ONG Redes da Maré que nos receberam e proporcionaram tal edição do curso em conclusão.

Aos funcionários das unidades da UFRJ que nos abrigaram nas aulas e eventos do curso a ser concluído na apresentação do presente trabalho: DIUC (Divisão de Integração Escola Comunidade) e IESC (Instituto de Estudos de Saúde Coletiva).

À coordenação constituída pelos professores da Faculdade de Letras que em parceria com a Faculdade de Educação nos atenderam de forma tão próxima e atenta a cada problema surgido dentro desse período de debates e estudos do curso.

À direção da Faculdade de Educação que possibilitou que nosso curso fosse realizado e concluído.

Aos funcionários da secretaria do CESPEB (Curso de Especialização de Saberes e Práticas na Educação Básica) que nos receberam e atenderam no decorrer dessa edição do curso.

Acredito, profundamente, que, apesar de todo o aparato tecnológico que nossos tempos oferecem, o livro sobreviva, assim como a milenar arte da contação de histórias. Sobrevive o professor. Máquinas não têm alma. Professores têm. Alunos precisam de alma. De cumplicidade.

(CHALITA, 2014)

## RESUMO

PASSINATO, Cristiana de Barcellos. **Estudos sobre a natureza do agir em projeto de divulgação científica: Análise do projeto de extensão “Ciência para poetas na escola”**. Rio de Janeiro, 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Curso de Especialização em Saberes e Práticas Necessárias na Educação Básica com Ênfase em Políticas Públicas e Projetos Socioculturais em Espaços Escolares, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

O estudo da função narrativa colocou pela primeira vez o problema da relação entre mito e mimese na Poética de Aristóteles. A ficção narrativa, por exemplo, imita a ação humana, pois contribui para remodelar suas estruturas e dimensões segundo uma configuração imaginária na intriga. A ficção tem o poder de refazer a realidade, já que o texto aspira intencionalmente um horizonte de realidade nova. Toma-se como recurso teórico a relação entre texto e ação, ou seja, o campo de estudo das potenciais modificações que os discursos podem produzir no mundo. Considera-se que o modo de agir (componentes da ação) é condicionado pela compreensão, a qual depende do reconhecimento daquilo que o outro sujeito quer dizer. Obviamente, considera-se que esse é um pressuposto “a priori” de qualquer projeto de divulgação: fazer-se entender. Todavia, em nossa defesa se estabelece a necessidade de haver uma relação indicial (como uma formulação semiótica) de vinculação entre os representantes do projeto e o público. Busca-se compreender a delimitação de território que o grupo de professores da área de ciências quer encaminhar através da ação desse projeto junto aos “poetas” que são indicados como grupo contemplado pelas visitas, palestras e ações executadas. O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de um estudo sobre os desdobramentos na ação de um projeto de ensino e extensão da UFRJ com ampla repercussão no cenário acadêmico, chamado “ciência para poetas na escola”. Especificamente, delimita-se aqui uma defesa sobre a validade de um aporte teórico centrado na confluência entre a hermenêutica e a fenomenologia. O projeto que tomamos como caso faz parte de um projeto maior de divulgação científica que se chama “ciência para poetas”. A metodologia prevê estudar a documentação do projeto e verificar a natureza dos processos de divulgação que foram realizados, entrevistar os responsáveis nas diferentes instâncias envolvidas e estabelecer as relações entre os

aspectos intencionais movimentados no discurso (texto do projeto e texto das atividades) e confrontá-los com os modos de ação decorrentes dessa iniciativa. Entrevistaram-se os responsáveis locais de uma escola atendida pelo projeto. As entrevistas foram registradas em áudio e transcritas para avaliação e estudo. O processo de ação associado ao projeto indica a necessidade do grupo social (membros da academia) dar-se uma imagem de si mesmo, de representar-se, pôr-se em jogo, em cena, e nesse sentido justificar-se o valor fenomenológico dado. O processo encontrado na instância documental do projeto “ciência para poetas” demonstra que o grupo pretende ter razão em ser o que é. Assim, pode-se perceber que o projeto é não somente reflexo, mas justificação. Possui função generativa a partir de processos simplificadores e esquemáticos da atividade científica, com o objetivo de atribuir valor de verdade à prática da pesquisa científica em geral.

**Palavras-chave:** Projetos em Ambientes Escolares; Hermenêutica de Paul Ricoeur; Divulgação Científica.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** Apresentação de ciclo de palestras do projeto “Ciência para poetas”, na Casa da Ciência da UFRJ 14
- Figura 2** Ciclos de palestras apresentados na série “Ciência para poetas” dos anos de 1999 à 2010, na Casa da Ciência da UFRJ 15
- Figura 3** Exemplo de capa de um dos dois exemplares da revista elaborada como produto de divulgação dos conteúdos apresentados nas palestras dos ciclos da série “Ciência para poetas” da Casa da Ciência da UFRJ 15
- Figura 4** Público de uma das palestras apresentadas em uma das escolas públicas escolhidas pelo Núcleo de Educação da Casa da Ciência da UFRJ, na execução da série de atividades nas escolas 16

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>“CIÊNCIA PARA POETAS”: O PROJETO DE ORIGEM</b>	<b>12</b>
1.1	MOTIVAÇÃO	12
1.2	INTRODUÇÃO	12
1.3	OBTENÇÃO DE DADOS ATRAVÉS DA COLETA DO MATERIAL DOCUMENTAL	13
1.4	HISTÓRICO DO PROJETO DE ORIGEM (EXECUTADO NA CASA DA CIÊNCIA DA UFRJ)	14
<b>2</b>	<b>“CIÊNCIA PARA POETAS NA ESCOLA”: O PROJETO SENDO DESENVOLVIDO NA ESCOLA</b>	<b>17</b>
2.1	HISTÓRIA DO PROJETO QUE FOI A ALGUMAS ESCOLAS ESCOLHIDAS DA REDE PÚBLICA	17
2.2	AVALIAÇÕES DE ALGUNS DADOS RELEVANTES DOS CICLOS APRESENTADOS	19
<b>3</b>	<b>DISCUSSÃO TEÓRICA DA POSSÍVEL TENSÃO PALAVRA-AGIR NO PROJETO “CIÊNCIA PARA POETAS NA ESCOLA”</b>	<b>21</b>
3.1	FENOMENOLOGIA E HERMENÊUTICA	21
3.3	A HERMENÊUTICA	21
3.4	A HERMENÊUTICA TRADICIONAL	22
3.5	A HERMENÊUTICA MODERNA	22

3.6	A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA	22
3.7	A HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR	23
3.8	ANÁLISE HERMENÊUTICA DO TRABALHO EM QUESTÃO SEGUNDO A TEORIA DE RICOEUR	23
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>25</b>
4.1	ESCOLA ESTUDADA NA APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES DO PROJETO “CIÊNCIA PARA POETAS NA ESCOLA”	26
4.1.1	CARACTERÍSTICAS DA ESCOLA ESCOLHIDA	26
4.1.2	DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES	27
<b>5</b>	<b>RESULTADOS</b>	<b>29</b>
5.1	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	29
5.2	AVALIAÇÕES DE ALGUNS DADOS RELEVANTES DOS CICLOS APRESENTADOS	30
5.3	COMENTÁRIOS SOBRE AS ENTREVISTAS REALIZADAS	34
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>38</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>40</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>42</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esse presente trabalho foi inspirado através das idas à Casa da Ciência em eventos de outro projeto envolvendo cinema, onde se entrou em contato com pessoas que lá trabalham e que indicaram a leitura e busca do site para conhecer o conteúdo e história do “Ciência para poetas”, que era realizado no Museu no período em que será relatado no decorrer do texto.

Após a pesquisa pelo site, buscou-se conversar informalmente com alguns participantes desse projeto que estavam mais próximos para entender o que era ao certo o trabalho de extensão que era executado, sendo que a ideia que foi remetida não era exatamente extensionista nesse momento.

Muitos conceitos errados feitos sobre o projeto foram esclarecidos nessa fase inicial, e o trabalho que está sendo apresentado foi tomando forma e mais sentido, e se esclarecia o real objetivo e a própria intenção quando levado às escolas.

Ficou claro, então que não se tratava de um projeto ligado a poesia, como em princípio se pensou, e sim a palavra poetas servia simplesmente como uma delimitação semântica do público-alvo. Os leigos.

A partir desse momento, em que se descobriu tal delimitação acreditou-se que seria oportuno explorar o assunto através das análises hermenêuticas ligadas à razão e interpretação textual, que advinham do campo da semiótica.

### 1.1 MOTIVAÇÃO

A motivação desse trabalho foi, principalmente encontrar o sentido da palavra “poetas” no título do projeto de extensão da UFRJ estudado.

Buscou-se compreender a delimitação de território semântico que o grupo de professores das áreas de conhecimento de ciências abordados nesse projeto em questão quer encaminhar através da ação das suas atividades junto aos ditos “poetas”.

### 1.2 INTRODUÇÃO

Percebe-se a necessidade de momentos pedagógicos não-formais que extrapolam a sala de aula e aos currículos formais de ensino de química. Foi nessa direção que, ao conhecer o espaço da Casa da Ciência em uma atividade de divulgação científica, teve-se contato com o projeto “Ciência para poetas”. A partir disso, nasceu o interesse sobre seus objetivos e de como agir dentro da perspectiva de divulgar a ciência

de forma agradável tanto para alunos quanto para o público em geral, durante os ciclos de atividades propostos inicialmente na Casa da Ciência da UFRJ.

Nasceu do projeto original o “Ciência para poetas na escola”. Nessa versão adaptada ao público escolar - preferencialmente de Nível Médio - atendia às escolas escolhidas com objetivo de divulgação científica ao seu público alvo incentivando-o a, quem sabe ingressar na Universidade (especificamente, em alguns cursos que a UFRJ oferecia das áreas de conhecimento das ciências por ele apresentadas).

Segundo Fávero (2005), há uma delimitação do campo filosófico entre os cientistas que vão apresentar as suas áreas de conhecimento, que são especializados, e o conhecer do senso comum. O público alvo na Casa da Ciência, inicialmente e depois, nas escolas não deteriam a linguagem e nem os saberes necessários para compreender a ciência. Pressupõe-se que os expectadores, no caso das escolas, os alunos que seriam denominados “poetas”, lendo-se aqui como público leigo não teriam conhecimento prévio dos assuntos abordados. Ou algum conhecimento introdutório, muito superficial. A autora cita ainda que existe uma histórica desvalorização da palavra “poeta” ou da área da poesia mediante outras atividades artísticas e da própria Filosofia, datada da época do Iluminismo. A poesia não seria tida como ciência ou mesmo não teria o mesmo valor de outras manifestações artísticas, por não serem consideradas as técnicas utilizadas para construí-las, ou seja, seriam nascidas as poesias da inspiração do poeta não dá razão, daí vir não a valorar devidamente.

### 1.3 HISTÓRICO DO PROJETO DE ORIGEM (EXECUTADO NA CASA DA CIÊNCIA DA UFRJ)

O projeto estudado foi originado a partir do ciclo de palestras denominado “Ciência para poetas” que foi adaptado para ser executado nas escolas (“Ciência para poetas na escola”). Os dois projetos foram criados pelo professor Ildeu de Castro Moreira, presença emblemática na Casa da Ciência e entusiasta divulgador da ciência. O autor é professor emérito do Instituto de Física da UFRJ e aliado à coordenação da equipe pedagógica do museu Casa da Ciência também da mesma Universidade criou o projeto que teve grande sucesso em sua versão na Casa da Ciência, por isso estimulando aos professores envolvidos a levarem as suas atividades criando também algumas outras atividades lúdicas para as escolas do Ensino Médio ou Ensino Fundamental.

Os ciclos apresentados pelo projeto original foram realizados desde mil novecentos e noventa e sete (1997), onde a área de conhecimento da Física, apresentada

por especialistas, no caso, os professores do Instituto de Física da UFRJ, inauguram a tentativa de abordagem cotidiana a temas envolvendo ciência que seriam interessantes a leigos, e o projeto ainda existe, sendo que as atividades foram cessadas por um tempo e estão sendo novamente retomadas por algumas áreas, como por exemplo, a engenharia que executou um ciclo de palestras no ano passado, em dois mil e treze (2013) na Casa da Ciência e logo depois foi levado, também em um evento comemorativo para a COPPE-UFRJ – parceira desse ciclo, dessa área.

O objetivo principal do projeto era basicamente levar a ciência de forma agradável e interessante aos ditos “poetas”, no caso o público que não detinha o conhecimento da linguagem científica (Figura 1). Esses “poetas”, aqui interpretados como leigos, poderiam ou não ter um conhecimento prévio desses temas. O público atingido, preferencialmente deveria ser de Nível Médio em diante, porém o que se conferiu em alguns momentos não foi essa realidade. Houve uma distribuição heterogênea de classes, faixas etárias, nível social e de escolaridade do público apresentado que visitava o local, no momento da execução dos ciclos. Os objetivos do projeto seriam, então: como já resumidamente apresentado divulgar e popularizar a ciência para o público em geral (com ou sem formação específica); provocar o debate para as questões científicas contemporâneas, através de uma linguagem acessível, diversificada e não especializada e desmistificar a figura do cientista, rompendo com a dicotomia existente entre quem “faz ciência” e quem “sofre ciência”.

**Figura 1 - Apresentação de ciclo de palestras do projeto “Ciência para poetas”, na Casa da Ciência da UFRJ.**



**Fonte: Núcleo de Educação da Casa da Ciência da UFRJ. 8º Congresso de extensão da UFRJ, 2011. Programa ciência, arte e cultura: Caminhos para popularização da ciência. Ciência para poetas e Ciência para poetas nas escolas.**

As atividades de cada ciclo realizado foram organizadas durante os anos de mil novecentos e noventa e sete (1997) à dois mil e treze (2013). O quadro apresentado, na Figura 2, traz uma visão geral do que foi realizado nesse projeto na Casa da Ciência da UFRJ através desse período de sua execução.

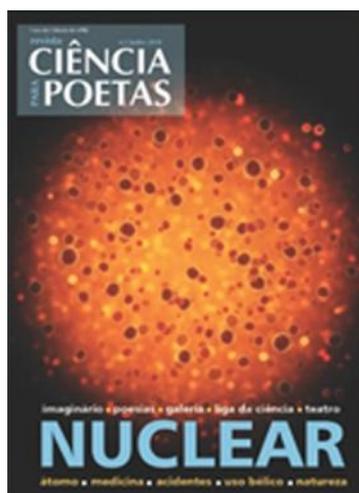
**Figura 2 - Ciclos de palestras apresentados na série “Ciência para poetas” dos anos de 1999 à 2010, na Casa da Ciência da UFRJ.**

<b>Física para Poetas</b> 11 de maio a 27 de julho de 1999	<b>Arte e Ciência</b> 14 de setembro a 05 de outubro de 1999	<b>Literatura e Ciência</b> 26 de outubro a 14 de dezembro de 1999
<b>Química para Poetas</b> 28 de março a 30 de março de 2000	<b>Ciência Brasil: 500 Anos</b> 29 de agosto a 10 de outubro de 2000	<b>Física para Poetas II</b> 17 de outubro a 19 de dezembro de 2000
<b>Matemática para Poetas</b> 8 de maio a 3 de julho de 2001	<b>Teatro e Ciência</b> 4 de setembro a 2 de outubro de 2001	<b>Química para Poetas II</b> 10 de outubro a 11 de dezembro de 2001
<b>Astronomia para Poetas</b> 24 de setembro a 3 de dezembro de 2002	<b>DNA para Poetas</b> 13 de abril a 4 de maio de 2004	<b>Geologia para Poetas</b> 10 de agosto a 5 de outubro de 2004
<b>Einstein para poetas</b> 13 de setembro a 25 de outubro de 2005	<b>Santos Dumont Para Poetas</b> 13 de abril a 23 de maio de 2006	<b>Astronomia para Poetas II</b> 5 de setembro a 31 de outubro de 2006
<b>Química e Esporte para Poetas</b> 8 de maio a 26 de junho de 2007	<b>Geologia para Poetas II</b> 9 de outubro a 4 de dezembro de 2007	<b>Nuclear para Poetas</b> 04 de maio a 29 de Junho de 2010

**Fonte: Núcleo de Educação da Casa da Ciência da UFRJ. 8º Congresso de extensão da UFRJ, 2011. Programa ciência, arte e cultura: Caminhos para popularização da ciência. Ciência para poetas e Ciência para poetas nas escolas.**

Desse projeto, também nasceu a revista: “Ciência para poetas”, como apresentado a seguir. A capa de uma das suas edições, na Figura 03:

**Figura 3 - Exemplo de capa de um dos dois exemplares da revista elaborada como produto de divulgação dos conteúdos apresentados nas palestras dos ciclos da série “Ciência para poetas” da Casa da Ciência da UFRJ**



**Fonte: Núcleo de Educação da Casa da Ciência da UFRJ. 8º Congresso de extensão da UFRJ, 2011. Programa ciência, arte e cultura: Caminhos para popularização da ciência. Ciência para poetas e Ciência para poetas nas escolas.**

#### 1.4 OBJETIVOS DO TRABALHO

O objetivo desse trabalho foi buscar justificativas teóricas dentro do campo da semiótica, usando principalmente a hermenêutica de Ricoeur, ligada à razão onde podem ser encontradas determinadas explicações para o uso e a demarcação do território semântico da palavra “poetas” no título do projeto “Ciência para poetas nas escolas”.

Além desse objetivo principal, estudaram-se as tensões possivelmente existentes no binômio “palavra-agir” na prática das atividades realizadas no decorrer do período em que foi executado na escola. Entre o discurso e a ação foram pesquisadas as maiores dificuldades existentes nas falas de quem participou desde sua concepção até a execução das oficinas e atividades nas escolas, ouvindo professores e coordenadores da Casa da Ciência e da escola escolhida.

## **2. “CIÊNCIA PARA POETAS NA ESCOLA”: O PROJETO SENDO DESENVOLVIDO NA ESCOLA**

### 2.1 HISTÓRIA DO PROJETO QUE FOI A ALGUMAS ESCOLAS ESCOLHIDAS DA REDE PÚBLICA

O projeto “Ciência para poetas na escola” advindo do original “Ciência para poetas” foi uma versão mais dinâmica onde os palestrantes e professores desenvolviam atividades ligadas à ciência por professores da UFRJ.

Desde dois mil e dez (2010), essa versão do projeto foi coordenada pela pedagoga Andreza Berti, do Núcleo de Educação da Casa da Ciência do Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ.

**Figura 4 - Público de uma das palestras apresentadas em uma das escolas públicas escolhidas pelo Núcleo de Educação da Casa da Ciência da UFRJ, na execução da série de atividades nas escolas.**



**Fonte: Núcleo de Educação da Casa da Ciência da UFRJ. 10º Congresso de extensão da UFRJ, 2013. Programa ciência, arte e cultura: Caminhos para popularização da ciência. Ciência para poetas e Ciência para poetas nas escolas.**

A série “Ciência para poetas na escola” era um projeto da Casa da Ciência da UFRJ em parceria com diversas unidades acadêmicas da universidade que pretendia promover um diálogo entre o conhecimento produzido na Universidade e as Escolas de Ensino Médio do Rio de Janeiro (Figura 4). O evento nas escolas visou aproximar estas duas (2) unidades de construção do saber, colaborando para a troca de conhecimento entre elas a fim de produzir propostas positivas para ambas.

Com uma linguagem simples e criativa, através de debates e palestras, teve a finalidade de despertar nos estudantes o interesse pelas áreas científicas, incentivando-os a desejarem estar neste local privilegiado de construção de conhecimento.

O projeto nasceu da experiência vivenciada em mil novecentos e noventa e nove (1999), com a série “Ciência para Poetas”, na Casa da Ciência da UFRJ. Esse evento teve, na época em que esteve ativo, por objetivo levar a um público diverso, em linguagem não especializada, discussões sobre as mais diversas áreas do conhecimento de forma dinâmica e inovadora.

A partir desta experiência que aconteceu no museu citado anteriormente, iniciou-se o processo de discussão sobre a possibilidade de criação de um projeto em formato semelhante que pudesse ser levado para as escolas do Estado do Rio de Janeiro.

Diante das carências do Ensino de Ciências nas escolas, optou-se por realizar o projeto junto, preferencialmente às escolas de Nível Médio da Rede Pública, a fim de despertar nos estudantes o desejo de querer estar na Universidade produzindo conhecimentos necessários à sociedade e para sua própria vida.

Tendo em vista o distanciamento entre o ambiente acadêmico e o ambiente escolar, este projeto também foi criado para aproximar a Universidade das indagações dos estudantes e de sua realidade.

Os profissionais envolvidos inicialmente na discussão pertenciam a diferentes unidades acadêmicas da UFRJ e passaram a compor a equipe coordenadora. Os Institutos envolvidos no primeiro momento foram: Instituto de Matemática, Instituto de Química, Instituto de Biologia, Observatório de Valongo, Instituto de Física e Casa da Ciência. Atualmente, participam do projeto também o Instituto de Geologia e a Escola de Educação Física.

O Projeto Piloto foi realizado no ano de dois mil e três (2003) alcançando seus objetivos e, a partir de novembro de dois mil e seis (2006), conta com o auxílio financeiro do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), através do edital de difusão e popularização da Ciência e Tecnologia, para realizar suas ações. Até o momento o projeto contemplou mais de quinze (15) escolas no Estado do Rio de Janeiro.

O nome do projeto foi assim denominado porque se pretendia nele levar a ciência para aqueles que se encontram fora do âmbito acadêmico ou pertencem a outras áreas do conhecimento e, a princípio, os poetas fazem parte deste grupo de pessoas. O termo “para poetas” pretende lembrar em segundo plano, também a beleza existente nas ciências que têm como objetivo desvendar e interpretar os mistérios da natureza.

## 2.2 AVALIAÇÕES DE ALGUNS DADOS RELEVANTES DOS CICLOS APRESENTADOS

A finalidade de desenvolver um projeto de divulgação científica em escolas seria, no caso desse projeto estudado, para que se desenvolvessem as iniciativas de popularização científica devendo contribuir para que cada indivíduo que dele participa seja capaz de estabelecer relações entre fatos e fenômenos científicos, interpretá-los e

questioná-los. Deve-se, ainda, promover uma reflexão sobre o papel da sociedade como um todo nas dinâmicas elaboradas por sua equipe e apresentadas por seus mediadores nos momentos executados pela série nas escolas. O que se impõem e favorece o reconhecimento da ciência como possível mola propulsora do desenvolvimento do país.

Para os idealizadores, autores e executores do projeto, torna-se vital proporcionar o encontro entre a academia e a sociedade. Levar o saber e o fazer científico ao encontro do público, de forma criativa, lúdica, dinâmica, em linguagem acessível e prazerosa, apresentando-os como parte integrante do nosso cotidiano, além de planejar mecanismos para receber da sociedade suas percepções, indagações e interpretações em torno da ciência.

Os objetivos desse conjunto de ações que foi chamado “Ciência para poetas na escola” foram: realizar ciclos de palestras de diferentes áreas do conhecimento, em escolas de ensino médio, promovendo o encontro entre academia (cientistas, pesquisadores e alunos de pós-graduação), estudantes e professores da Rede Escolar Pública do Estado do Rio de Janeiro; incentivar o aprofundamento do estudo das ciências, ampliando a visão das possibilidades de estudos; desmistificar a ciência como objeto distante da realidade, e, do fazer científico enquanto atividade a ser exercida apenas por alguns “eleitos”; contribuir na discussão sobre as atuais práticas pedagógicas dentro e fora da universidade. Especificamente, ainda pretendiam: realizar palestras de popularização da ciência em escolas de todo o estado do Rio de Janeiro; difundir as pesquisas realizadas no campo da ciência, as recentes descobertas e seus possíveis impactos no meio ambiente e na sociedade; contribuir para a formação científica dos alunos do estado do Rio de Janeiro, incentivando vocações científicas; incentivar a pesquisa através da leitura de livros, revistas, jornais e demais publicações sobre ciência; contribuir para a atualização dos professores das unidades visitadas; incentivar a visita dos alunos e professores à Casa da Ciência da UFRJ e a outros espaços como museus e centros de ciência.

A metodologia de trabalho do projeto funcionava da seguinte forma: realização de palestras nas áreas de Geologia, Química, Matemática, Biologia, Astronomia e Educação Física. As palestras eram ministradas em dias alternados da semana por professores da UFRJ, nas áreas acima, a fim de não prejudicar as atividades escolares. Ao todo foram realizadas cinco palestras e a Unidade Escolar escolhe a palestra de sua preferência em um “cardápio” que lhe é oferecido. As palestras foram para alunos do Ensino Médio, preferencialmente e a escola seleciona as turmas que participarão de

acordo com o espaço físico disponível. Ao todo, as palestras foram realizadas em cinco (5) semanas. Além das palestras, houve a formação de mesas-redondas para o debate com os alunos incentivando a reflexão da necessidade do ingresso desses alunos na Universidade e também a execução de uma atividade denominada “cine debate” exibindo o filme “5 vezes favela: agora por nós mesmos.”, episódio um (1): fonte de renda.

Segundo os dados dos relatórios apresentados pela equipe do Núcleo de Educação da Casa da Ciência da UFRJ, nos anos de dois mil e oito (2008) à dois mil e treze (2013) foram atendidos pelo projeto “Ciência para poetas na escola” no total cento e noventa e seis (196) professores, quatro mil trezentos e quarenta e sete (4347) alunos, e foram abordadas em onze (11) escolas atividades ligadas à Química, onze (11) à Biologia, dez (10) à Educação Física, dez (10) à Matemática, quatro (4) à Astronomia, seis (6) à Geologia e em dois (2) colégios foram realizados o “cine debate”. Ao todo foram doze (12) escolas públicas da rede Estadual e Federal atendidas pelo projeto nos anos de dois mil e oito (2008) à dois mil e treze (2013). As ações realizadas pela equipe do projeto nas escolas visitadas foram: cinquenta e duas (52) palestras; dois (2) planetários; dois (2) cines debates e uma (1) oficina.

### **3. DISCUSSÃO TEÓRICA DA POSSÍVEL TENSÃO PALAVRA-AGIR NO PROJETO “CIÊNCIA PARA POETAS NA ESCOLA”**

#### **3.1 FENOMENOLOGIA E HERMENÊUTICA**

A fenomenologia é o estudo das estruturas da consciência tais como experimentadas do ponto de vista da primeira pessoa (o eu). A estrutura central de uma experiência é a sua intencionalidade, ou seja, a sua capacidade (que pode ser entendida como potencial) para ser direcionada para alguma coisa. Uma experiência é direcionada para um objeto devido ao seu conteúdo ou sentido (aquilo que representa o objeto), juntamente com as condições de apresentação. A fenomenologia estuda as estruturas da experiência, e por conseguinte as assume como estruturas da consciência, literalmente o termo refere-se ao estudo das formas como as coisas aparecem a nós (SCHUTZ, 1970).

O termo Hermenêutica refere-se de forma geral aos conjuntos de teorias sobre o entendimento e interpretação de expressões linguísticas e não linguísticas. Nos dias de hoje, como resultado de sua longa tradição histórica, a hermenêutica abrange interrogações sobre as interações simbólicas e culturais em geral. Devido às restrições de abrangência do presente trabalho, focalizaremos aqui as questões específicas propostas por Paul Ricoeur sobre as relações entre Fenomenologia e Hermenêutica, pois compreendemos que ela colabora para a compreensão dos modos de agir implementados pelo projeto “Ciência para Poetas na Escola”.

Segundo Ricoeur, em um artigo seminal sobre as relações entre Fenomenologia e Hermeneutica (RICOEUR, 1975), a discussão entre essas duas vertentes pode ser estabelecida a partir de duas teses: (i) a hermenêutica não compromete a fenomenologia, mas apenas uma de suas interpretações, nomeadamente a idealística, proposta por Husserl; (ii) ao invés de uma oposição.

Relevante na esfera da filosofia e traz contribuições importantes também para a educação, na produção, compreensão ou elaboração de obras nessa área.

A hermenêutica, para Paul Ricoeur, é um guia metodológico, de orientação de leitura e escrita de textos e obras. É um método que busca o entendimento de uma obra, teórica ou poética, por isso é relevante para a leitura de trabalhos da área da pedagogia.

Nessa abordagem, é importante levar em consideração a influência do imaginário social nas ações sociais, visto que os aspectos dos discursos e ações se contaminam pelas expressões do imaginário, da ideologia e da utopia.

Importante analisar o papel da interpretação nas expressões da ideologia e da utopia nas manifestações e nas ações sociais, quando grupos e classes agem na esfera social demonstrando ambiguidades do imaginário social, no sentido positivo e no sentido negativo.

Por esse motivo, a Hermenêutica na visão de Ricoeur mostra-se importante para a compreensão de leituras que se importem por convergências de olhares, por aproximações teóricas e práticas e ao mesmo tempo apontem divergências e contradições de saberes e conhecimentos na área da educação.

O projeto em questão apresenta na escola estudada e em alguns momentos de sua execução várias tensões. Uma delas, como relatado nas falas dos participantes e pedagogas, é a do discurso dos professores que palestravam nas escolas para alunos de Ensino Básico.

Com uma linguagem muito acadêmica, apresentaram um discurso mais vertical, não abrindo muito a oportunidade para o aluno da escola visitada (público-alvo) poder formular questões pertinentes a possíveis dúvidas, até porque não conseguiam sequer compreender bem o que era apresentado, quiçá formular algum tipo de problematização que viesse a surgir no meio do caminho de sua compreensão. Ou até puderam vir a compreender algo em algum ponto do discurso dos palestrantes, mas se sentiam tão distantes que o discurso não se horizontalizava no decorrer do tempo aberto para esse espaço de debate. A troca, em alguns momentos não era observada pelos executores e demais professores-expectadores.

Como a linguagem utilizada nesse projeto de extensão, com vocação de um projeto inicialmente de divulgação científica, usa muito dos conceitos duros das ciências envolvidas pode-se buscar uma justificativa teórica desses problemas nesse canal, a linguagem. Das diferentes matrizes teóricas de estudos voltados para a linguagem em situações educativas escolheu-se focalizar como quadro teórico de referência questões confluentes entre a semiótica e a hermenêutica de Paul Ricoeur.

Esta escolha está ancorada no reconhecimento do valor existente no arsenal simbólico em jogo durante os processos de divulgação científica, tanto quanto as funções intencionais existentes no sentido de desenvolver processos de ação (ou de natureza extensionista) a partir desse repertório simbólico, constituído mormente pelas palavras. Nesse sentido, configura-se um quadro que recebe influência da semiótica em

geral, valorizando-se os sentidos produzidos pelos símbolos, mas que também pretende exercitar a necessária tensão entre a palavra e o agir (ação).

Em boa medida, a tensão entre palavra e agir é uma expressão do “estar no mundo” da humanidade. Somos capitaneados por decisões e ações que emergem, muitas das vezes, das palavras. O reconhecimento da hermenêutica como um caminho para esse quadro teórico é o resultado do valor atribuído aos processos de interpretação que se faz dos textos que são endereçados nos discursos e palestras dos projetos de divulgação científica. Muitos se constituem em palestras e/ou conversas com alunos, e nesse sentido estão, ainda que inadvertidamente, comprometidos com as interpretações que o público fará de suas palavras.

A Semiótica pode trazer estudos dentro da linguagem, cognição, da análise de discurso e até mesmo da metodologia de alguns de seus teóricos para que possa vir a quem sabe começar a explicar tais erros de comunicação/tensões encontradas entre palestrantes-alunos.

Há uma delimitação semiótica do saber científico através dos signos e símbolos, termos, vocabulário dos cientistas, que devem divulgar, buscar informar aos “poetas”, aqui lê-se leigos os significados para que eles possam deter algum conhecimento sobre as áreas do conhecimento envolvidas no projeto.

Essa prática é recorrente na academia, na sociedade, na Universidade, o que acaba formando uma espécie de barreira, muro entre o interlocutor e quem recebe a mensagem dentro do seu discurso nas palestras dos ciclos.

Como todas as ciências possuem base filosófica, há uma possibilidade de se efetuar uma análise pela visão da hermenêutica de Paul Ricoeur – herdeiro da ontologia hermenêutica de Heidegger e de Gadamer, o filósofo francês - que tem um viés mais psicanalítico de análise dos discursos centrado mais suas conclusões advindas dessas análises na razão, apesar de sua metodologia não se destacar completamente da fenomenologia de Husserl, que por sua vez era um matemático que foi o pai da Fenomenologia que possuía um caráter ontológico mais transcendental.

A travessia freudiana de Ricoeur é voltada também pela distinção das leituras até então feitas sobre o “pai da psicanálise”, opondo-se a seu professor Dalbiez quanto à contribuição de Freud sobre a compreensão do homem, pois para Ricoeur “é por ser, de direito, uma interpretação da cultura que a psicanálise entra em conflito com qualquer outra interpretação global do fenômeno humano”. (RICOEUR, 1977, p.12 apud COUBE, 2013, p. 217 ).

## 4. METODOLOGIA

### 4.1 OBTENÇÃO DE DADOS ATRAVÉS DA COLETA DO MATERIAL DOCUMENTAL

As informações necessárias e documentos a serem analisados com a equipe pedagógica do projeto foram obtidos através de encontros e entrevistas com pedagogas do Núcleo de Educação da Casa da Ciência da UFRJ. Sendo uma delas a responsável desde dois mil e dez (2010) e a produtora cultural que fundou o projeto junto ao seu idealizador, conhecendo profundamente todos os estágios e processos que esse projeto passou até o presente momento. Nesses encontros, elas forneceram todo material para que se pudesse dentro das escolas escolhidas a se realizar o projeto nas escolas fazer o recorte para pesquisa de campo desse presente trabalho. A pesquisa foi feita na unidade de ensino público mais próxima ao Campus da Cidade Universitária da UFRJ. Denominar-se-á escola X o universo de análise da pesquisa de campo realizada entre março e outubro de 2014. Essa escola X está localizada na Ilha do Governador.

Dentro desse recorte, no nosso contexto, no que se pôde analisar e constatar nas falas coletadas das entrevistas realizadas na escola X e Casa da Ciência, o maior impasse na discussão teórica ficou na questão da tensão entre a palavra “poetas” e o seu desdobrado agir na realização do projeto em si. Por isso, buscou-se nos estudos teóricos desse texto monográfico argumentação na literatura onde alguns trabalhos apontaram possíveis discussões sobre tal tensão ajudando na análise hermenêutica do método escolhido, que é mais ligada à razão (no que se acredita pautar a ciência e suas atividades em si), desenvolvida pelo filósofo Paul Ricoeur.

Os trabalhos realizados acerca do tema pesquisado para essa monografia foram apresentados oralmente e em formato de pôster em alguns encontros, simpósios, jornadas importantes para a comunidade científica e Universidade. Assim, pôde-se expor os resultados obtidos nessas pesquisas nesses trabalhos e também serem discutidos pela comunidade que pôde contribuir com sugestões e outras falas críticas positivas na construção dessa presente monografia.

Foram obtidos os registros de áudio das entrevistas dos professores da escola X na realização da pesquisa de campo e transcritos de forma fiel e apresentados nos apêndices dessa presente monografia. Os professores puderam expressar suas impressões acerca desse projeto e da execução dele na escola referida e escolhida a

ser estudada. Obtiveram-se dados satisfatórios para as análises que se pretendiam realizar para tal trabalho.

Nesse anexo, pôde-se apresentar ainda, a fala da pedagoga responsável pelo projeto na Casa da Ciência. Ela coordenou o projeto desde sua concepção, Adriana Vicente acompanhou o percurso todo dos ciclos realizados desde o seu nascimento. Ela participou da elaboração do projeto concretizando a ideia (que ela chama “inspiração”, vide **Apêndice 4**) do professor Ildeu de Castro Moreira. Assim sendo, pôde ser colocada em ação.

Foi ainda feita, anteriormente uma reunião, com a pedagoga que, a partir de 2010 coordenou o projeto nas escolas, Andreza Berti. A coordenadora do projeto nas escolas relatou alguns fatos importantes, não registrados em áudio, mas que foram de grande importância. A maior parte dos documentos e relatórios foram remetidos por ela por meio eletrônico.

A partir da coleta desses dados, ou seja, de seu envio, foi possível começar a resgatar o caminho percorrido nas escolas e escolher uma escola de recorte para a pesquisa desse trabalho. E, por isso, sendo de suma importância o relato do que ocorreu, principalmente, mesmo não tendo seu registro em áudio.

As pedagogas da Casa da Ciência Andreza Berti e Adriana Vicente relataram o mesmo em alguns momentos, porém como Andreza Berti foi coordenadora e executou o projeto nas escolas de perto, sua fala possuía um pouco mais de riqueza de detalhes quanto a parte em que foi responsável da série de atividades.

Foram coletados por envio da equipe do Núcleo de Educação da Casa da Ciência da UFRJ documentos com: histórico, metas, objetivos gerais e específicos, estratégias, execução, dados sobre os professores participantes, sobre as escolas que foram escolhidas, localização de cada uma, algumas características dessas escolas, quais os ciclos, as palestras ministradas, resultados, avaliações, estatísticas, imagens e apresentações em congressos, relatórios para fomentos e UFRJ.

O projeto “Ciência para poetas na escola” foi apresentado em diversas escolas públicas, foi escolhida a escola X, por conta da sua proximidade do Campus da Cidade Universitária da UFRJ, na Ilha do Governador.

O público alvo dessa escola X era constituído de alunos do Nível Fundamental, eventualmente alunos de algumas turmas do Nível Médio também participavam de algumas atividades.

A metodologia escolhida para esse trabalho prevê estudar a documentação do projeto analisado, verificar a natureza dos processos de divulgação que foram realizados, entrevistar os responsáveis nas diferentes instâncias envolvidas e estabelecer as relações entre os aspectos intencionais movimentados no discurso (texto do projeto e texto das atividades) e confrontá-los com os modos de ação decorrentes dessa iniciativa.

Foi feita uma análise qualitativa, usando como instrumento de coleta de dados uma entrevista com questionário semiestruturado previamente elaborado e aplicado a todos os entrevistados em questão.

Foram ao todo cinco (5) entrevistados, dentre eles: três (3) professores envolvidos nas atividades do projeto na escola X e duas (2) pedagogas da Casa da Ciência. Sendo que uma delas, a pedagoga Andreza Berti, não houve aplicação do questionário, e sua fala, então não foi registrada. Sendo assim, só ocorreu uma conversa informal, onde foram coletados os documentos/relatórios e apresentações do Congresso de Extensão da UFRJ sobre a execução do projeto de dois mil e dez (2010) a dois mil e treze (2013).

A escolha da análise qualitativa (mais aberta, ampla para alcançar às questões teóricas) foi feita, por ser mais conveniente no momento em que se decidiu por usar a Hermenêutica de Ricoeur como instrumento teórico.

As entrevistas foram registradas em áudio (gravações, em formato mp3). As transcrições foram feitas com rigor de registro maior, pois é necessário que as transcrições com as falas sejam fidedignas.

Foram aplicados oralmente pelo entrevistador, a autora dessa monografia, no momento das entrevistas, na escola X.

As questões propostas pela entrevistadora aos professores da escola X podem ser conferidas a seguir:

- 1) O que você entendeu pelo nome “Ciência para poetas”?
- 2) A execução do projeto tinha algo relacionado com o que você imaginou?
- 3) Você teve conhecimento do projeto “Ciência para poetas na escola” na escola?
- 4) Você participou da execução do projeto?
- 5) Qual foi a sua participação na realização do projeto?
- 6) Como sua turma reagiu à execução das atividades do projeto na escola?
- 7) Qual foi a resposta que você acredita que houve dos alunos quanto à atividade?

- 8) Você gostou do que foi apresentado?
- 9) Você aproveitou em suas aulas futuras?
- 10) Houve maior interesse pelas áreas das ciências apresentadas pelas atividades do projeto por parte dos seus alunos?
- 11) Você lembra de algum tipo de manifestação de interesse desses alunos que possa relatar?
- 12) Você poderia avaliar se houve por parte desses alunos que participaram maior interesse de ingresso na Universidade nessas áreas abordadas pelas atividades do projeto?

A entrevista realizada com a pedagoga Adriana Vicente, da Casa da Ciência foi sendo realizada em forma de uma conversa, as perguntas a ela remetidas foram sendo inseridas no meio desse diálogo, pois a dinâmica da fala da entrevistada foi fluindo a partir desse momento, como transcrito no **Apêndice 4**.

#### 4.1 ESCOLA ESTUDADA NA APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES DO PROJETO “CIÊNCIA PARA POETAS NA ESCOLA”

##### 4.1.1 CARACTERÍSTICAS DA ESCOLA ESCOLHIDA

A escola escolhida para ser estudada se localiza próxima ao campus da UFRJ Cidade Universitária, na Ilha do Governador. É uma escola pública mantida pela Força Aérea Brasileira (FAB) no Rio de Janeiro. O funcionamento dessa instituição de ensino é em dois turnos, que possui o Nível Fundamental e o Ensino Médio.

Nessa escola há projetos que incentivam e estimulam atividades científicas, o que é próprio das instituições ligadas aos militares e assim, então o projeto colaboraria, em tese com essa filosofia desse desenvolvimento e estímulo do conhecimento científico ao seu alunado.

#### 4.1.2 DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES

Na escola X, no município do Rio de Janeiro, na Ilha do Governador, bairro próximo ao Campus da UFRJ da Cidade Universitária as atividades do projeto “Ciências para poetas na escola” foi executado entre os dias treze de março (13/03) à nove de maio (09/05) de dois mil e onze (2011).

As atividades foram divididas entre os turnos da manhã e tarde e foram executadas como descritas pelos dados extraídos nos documentos coletados na Casa da Ciência e apresentados no congresso de extensão do ano seguinte da UFRJ.

No turno da manhã ocorreram palestras no dia dezoito de março (18/03), “Se mexer faz bem” (Educação Física), contando com um público de cem (100) alunos e três (3) professores; no dia vinte e cinco (25/03) foi a vez da palestra “Prevenção no Uso de drogas” (Química), sendo que cento e dez (110) alunos e quatro (4) professores estiveram também presentes no auditório da escola; no dia (28/03) foi apresentada a palestra Biodiversidade (Biologia), onde foram expectadores noventa (90) alunos e três (3) professores; no dia seis de abril (06/04) “A arte da matemática” (Matemática) levou ao auditório da escola X, cento e doze (112) alunos e três (3) professores; dia vinte e oito de abril (28/04) foi realizada a atividade na quadra do colégio que mais gerou público, por conta do maior interesse e ser um momento lúdico, o Planetário (Astronomia), com público de cento e cinquenta e quatro (154) alunos e dez (10) professores; e por fim no dia nove de maio (09/05) o Cine debate, com filme “5 vezes favela: agora por nós mesmos”, em que cento e vinte e cinco (125) alunos e dez (10) professores veriam um filme que, como relatado pelo professor de História entrevistado nesse presente trabalho (**Apêndice 1**) houve problemas técnicos na projeção do filme e esse momento foi realizado posteriormente pelo mesmo em sala de aula, mas da forma com que o professor sempre executou, pois já era inserida a sua prática pedagógica momentos desses, não com interesse em debate, em si, mas de apresentação para os alunos verem um filme, pelo menos uma vez por mês sobre os temas estudados na sala de aula, do conteúdo programático do momento.

Na parte da tarde foram realizados outros momentos, são eles: no dia dezesseis de março (16/03), sobre “Biodiversidade” (Biologia), com público de sessenta (60) alunos e três (3) professores; no dia vinte e um de março (21/03), “A arte da matemática” (Matemática), com total de sessenta e seis (66) alunos e quatro (4) professores; no dia trinta e um de março (31/03) foi a vez do “Se mexer faz bem” (Educação Física), que uniu no auditório da escola X cinquenta e sete (57) alunos e três

(3) professores; no dia sete de abril (07/04) foi apresentada a palestra “Prevenção no Uso de drogas” (Química), assistida por sessenta (60) alunos e três (3) professores; dia vinte e oito de abril de dois mil e onze (28/04/2011) foi a atividade mais chamativa - também no turno da tarde -, segundo os professores, aos alunos; o “Planetário” (Astronomia), que levou à quadra da escola cento e sessenta (160) alunos e dez (10) professores.

No total foram envolvidos na execução do projeto setenta e quatro (74) professores e mil duzentos e setenta e seis (1276) alunos da escola X.

## 5. RESULTADOS

### 5.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

### 5.2 AVALIAÇÕES DE ALGUNS DADOS RELEVANTES DOS CICLOS APRESENTADOS

Foram apresentados alguns documentos, relatórios de atuação em que se fez estudos quantitativos e qualitativos da natureza, da compreensão e da qualidade do público atingido na série de ciclos de palestras do projeto “Ciência para poetas”. Os dados e exemplos aqui enunciados foram extraídos de relatórios gerados dessas avaliações realizadas com os envolvidos durante a execução de parte dos momentos em alguns anos em que foram realizadas as atividades pesquisadas.

Sobre o público atendido, compareceram visitantes da Casa da Ciência que assistiram as palestras nos ciclos executados entre estudantes das mais diversas áreas, professores de diferentes níveis de ensino, profissionais liberais, cientistas e artistas dentre outras pessoas com qualificações variadas, porém mostrando interesses nas áreas de conhecimentos da ciência abordados.

Segundo dados extraídos dos documentos concedidos pela equipe pedagógica da Casa da Ciência da UFRJ que mostram que análises dos relatórios apresentam que as edições do projeto “Ciências para poetas”.

Por exemplo: em mil novecentos e noventa e nove (1999) ano em que se realizaram as palestras do ciclo s apresentações do ciclo “Física para Poetas” foram procuradas por mais de duzentas (200) pessoas. No total, cento e sessenta (160) pessoas se inscreveram para assistir às palestras, aceitando participar das mesmas sentados no chão, já que o auditório só comporta oitenta e quatro (84) pessoas sentadas. O público foi extremamente fiel, assistindo em média a noventa por cento (90%) das apresentações. A média de participantes por palestras foi de cento e trinta (130) pessoas. Setenta e cinco por cento (75%) dos inscritos não tinham relação acadêmica ou profissional com a física. Cerca de oitenta (80) pessoas ficaram em lista de espera. Contando com um grande número de pessoas não-inscritas que compareciam ao evento, foi obtida uma média de cento e cinquenta (150) participantes por palestra. Os participantes que assistiram a oitenta por cento (80%) das apresentações receberam certificados.

No mesmo ano, o “Literatura e Ciência” foi realizado de outubro a dezembro de mil novecentos e noventa e nove (1999). Em parceria com a Faculdade de Letras e a Coordenação de Extensão do Instituto de Física da UFRJ, apresentou uma série de sete (7) palestras que discutiram as visões da natureza e do mundo que perpassam a Literatura. Os encontros aconteceram sempre às terças-feiras, às dezoito horas e trinta minutos (18 horas e 30 minutos), com a duração aproximada de duas (2) horas – sendo uma (1) hora de palestra, vinte (20) minutos para observações de um comentarista e meia hora (30 minutos) para discussão sobre o tema. Professores do Instituto de Física e da Faculdade de Letras trabalharam na concepção, planejamento e desenvolvimento do projeto junto à equipe de coordenação da Casa da Ciência, e foram palestrantes do projeto seis (6) professores da UFRJ e a crítica de arte Bárbara Heliadora. Sete (7) professores e pesquisadores da área de física provenientes de diferentes instituições participaram como comentaristas das palestras, ampliando as possibilidades de reflexão sobre o encontro entre a ciência e a arte.

As apresentações do ciclo “Química para Poetas” foram procuradas por mais de cem (100) pessoas, seguindo aproximadamente o mesmo perfil de público tanto quantitativo quanto qualitativamente apresentado na execução dessa edição.

No ciclo “Ciência Brasil – quinhentos (500) anos” as apresentações tiveram noventa e sete (97) inscritos. Deste número, cinquenta e duas (52) pessoas assistiram a todas as palestras apresentadas pelos professores participantes.

Em dois mil e dois (2002), o ciclo “Astronomia para poetas” foi realizado no período de setembro a dezembro de dois mil e dois (2002), em parceria com o Instituto de Astronomia da UFRJ. O ciclo apresentou uma série de dez (10) palestras que discutiam sobre as dimensões da Astronomia no mundo contemporâneo. O professor Marcio Antonio Geimba Maia do GEA/ OV/ UFRJ & ON/ MCT (Grupo de Estudos em Astronomia/ Observatório do Valongo/ Universidade Federal do Rio de Janeiro & Observatório Nacional/ Ministério da Ciência e Tecnologia), trabalhou na concepção, planejamento e desenvolvimento do ciclo. Na última palestra foram distribuídos CD’s para as pessoas que obtiveram oitenta por cento (80%) de presença no ciclo. Este CD possui o conteúdo das apresentações em *datashow* de todas as palestras. O conteúdo do CD encontra-se na *homepage* da Casa da Ciência/ UFRJ no ícone Ciência para Poetas – Astronomia para Poetas. Durante as apresentações, o público recebeu também um exemplar da revista comemorativa dos cento e setenta e cinco (175) anos do Observatório Nacional e a visita do Planetário Inflável, cedido pelo MAST – Museu de

Astronomia e Ciências Afins, onde o público pôde apreciar as constelações segundo a ciência indígena.

O ciclo “DNA para poetas” foi realizado em parceria com o Museu da Vida da Fiocruz, de abril a maio de dois mil e quatro (2004), refletiu sobre o processo histórico da descoberta do DNA, os avanços da ciência a partir desse marco e seus impactos sociais. O evento fez parte da programação da exposição “DNA50 – Descobrimo o Segredo da Vida”, uma parceria com o *British Council*, a organização internacional oficial do Reino Unido para assuntos culturais e educacionais. O diretor da *Cia. de Teatro Y Touring* do Reino Unido, *Nigel Townsend*, abriu o ciclo apresentando seu trabalho de divulgação científica através do teatro em escolas públicas. A cada apresentação, o público era recebido por projeções de fragmentos poéticos relativos aos respectivos temas. Demonstrações práticas e recursos audiovisuais foram amplamente utilizados, levando o público ao encontro da ciência de forma agradável e prazerosa.

O ciclo "Geologia para poetas" foi realizado para apresentar que a geologia é uma ciência que estuda o planeta Terra nas suas várias dimensões - desde os cristais que compõem as rochas até os rios, lagos, mares e florestas. A Terra é um planeta dinâmico, onde as rochas e a paisagem estão sendo continuamente criadas e recriadas, com os continentes ora se reunindo ora se afastando, numa espécie de dança ao longo do tempo. Foi para compartilhar esse conhecimento, apreendido também pela intuição e não apenas pelo raciocínio lógico formal em que a ciência ocidental se baseia, que a Casa da Ciência apresentou, em parceria com o Instituto de Geologia da UFRJ, o ciclo de palestras “Geologia para Poetas”, de agosto a outubro de dois mil e quatro (2004). Em pauta, a beleza das estruturas geológicas e a possibilidade de discussão de ideias que circulam nas noções “populares” de ciência e vida.

O ciclo "Einstein para poetas" apresentou que em mil novecentos e cinco (1905), um jovem físico produziu cinco (5) trabalhos. Todos em um único ano. Determinado, de espírito criativo e personalidade intrigante, acreditava que a imaginação é mais importante que o conhecimento. Seus estudos, com base em teorias simples e elegantes, alteraram profundamente as concepções sobre espaço e tempo e o tornaram o cientista mais famoso do século. Seu nome era Albert Einstein. No “Ano Mundial da Física”, o público conheceu um pouco dessa história e de tantas outras que se fizeram a partir dela, de setembro a outubro de 2005, no ciclo de palestras “Einstein para Poetas”, da série “Ciência para Poetas”, que a Casa da Ciência preparou

especialmente para aqueles que, apesar de não saberem ao certo o que seria um fóton, gostariam de ver uma luz no fim do túnel.

Os ciclos “DNA para Poetas”, “Geologia para Poetas” e “Einstein para Poetas” contaram com um público de duzentas e sessenta e três (263) pessoas, sendo que oitenta por cento (80%) não tinham relação acadêmica ou profissional com os temas. Os participantes que assistiram a oitenta por cento (80%) das apresentações receberam certificados.

É importante ressaltar que, habitualmente, a série “Ciência para Poetas” tem a participação de um número significativo de pessoas que não se inscrevem, mas comparecem às palestras eventualmente. O número de participantes nos ciclos se referem aqueles que participaram de cada uma das palestras de cada ciclo.

Em dois mil e sete (2007), no primeiro semestre foi realizado o ciclo “Química e Esporte para poetas” que apresentou uma média de oitenta (80) pessoas por palestra e no segundo semestre foi apresentado o ciclo “Geologia para poetas II” com um público de em média vinte e nove (29) pessoas por palestra realizada. Em comemoração ao “Ano Internacional da Astronomia”, a Casa da Ciência e o Observatório do Valongo da UFRJ realizaram o ciclo de palestras "Astronomia para poetas dois mil e nove (2009)". O ciclo de palestras realizou-se no período de junho a julho de dois mil e nove (2009). O ciclo contou com o apoio da Fundação Universitária José Bonifácio e o Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. As apresentações das palestras do ciclo contaram com duzentos e vinte (220) inscritos e uma média de trinta (30) participantes por palestras. Com total de público participante de cento e noventa e sete (197).

Cabe ressaltar que os participantes eram de formações variadas (Direito, Arquitetura, Engenharia, Física, Química, estudantes do Ensino Médio etc). A programação do primeiro semestre de dois mil e dez (2010) da série “Ciência para poetas” contou com o ciclo de palestras “Nuclear para poetas” que formou parceria com diversas instituições e centros de pesquisa sobre a energia nuclear e nessa mesma ocasião foi produzida uma revista que ao ser lançada a matéria de capa seria, justamente esse tema, o do ciclo em questão, “Nuclear”.

As apresentações das palestras do ciclo “A Terra em Sete Tempos” contaram com duzentos e cinquenta (250) inscritos e uma média de trinta e oito (38) participantes por palestras. Com total de público participante de duzentos e vinte e oito (228) pessoas. Sessenta por cento (60%) do público deste ciclo é participante assíduo das atividades da

Casa da Ciência. Cabe ressaltar que oitenta e três (83%) dos participantes têm formação em nível superior (ou estão cursando).

### 5.3 COMENTÁRIOS SOBRE AS ENTREVISTAS REALIZADAS

Foram realizadas atividades do projeto “Ciência para poetas” na escola X, escolhida por conta de sua proximidade ao Campus da Cidade Universitária da UFRJ, alunos de Nível Fundamental e Médio, no ano de 2011. Por conta da morte da professora que abrigou o projeto em suas turmas de Nível Fundamental II, mais especificamente sextas e sétima séries, foram entrevistados os professores que participaram direta ou indiretamente que se recordavam das atividades ou, pelo menos da existência do projeto na escola X.

Foi feita uma prévia triagem com a pedagoga Andreza Berti que forneceu grande parte dos documentos que deram conta de resultados e estatísticas do projeto durante sua coordenação. Foram apresentados nomes de diversas escolas e dentre elas a escola X.

Indo a escola, fez-se reuniões com a direção, direção pedagógica e com alguns professores que tiveram contato com o projeto e reuniões que ocorreram na escola X entre as equipes de lá e da Casa da Ciência de pedagogia.

Marcaram-se entrevistas com os professores que concordaram em dar depoimentos com registro em áudio dessas falas coletadas.

As entrevistas foram feitas com os professores da escola X no mesmo dia e foram em média de cinco (5) minutos, ou seja, foram breves relatos.

Por fim, houve o encontro com a pedagoga Andreza Berti que forneceu mais documentos e trouxe uma fala bem interessante em sua entrevista. Ela mostrou toda trajetória e caminho do projeto até chegar às escolas.

Como sugerido e estudado na discussão teórica desse trabalho, utilizou-se da metodologia da hermenêutica de Paul Ricoeur, mais ligada à ação e à razão para realizar análises e tecer alguns comentários pontuais, como pode se apresentar a seguir:

Na fala do professor A, que inicialmente mostrou um pouco de resistência ao falar sobre o projeto por dizer não se lembrar de nada sobre o mesmo, porém sua fala contribuiu bastante, por serem suas colocações muito interessantes. Inclusive há de se destacar o trecho em que ele fala sobre ciência e poesia e a sua contraposição de ideias dentro da filosofia e execução do projeto na escola X. Segundo o professor, ele

não aproveitou muito do momento que participou, pois nem mesmo funcionar o projetor para executar o vídeo e realizar-se um debate com os alunos foi conseguido. Por isso, ele posteriormente utilizou o filme “5 vezes favela: agora por nós mesmos”, pois no seu momento do conteúdo que ele estava abordando seria pertinente e, assim pôde até aceitar como sugestão o filme que tinha a temática dentro do que estava trabalhando em sala de aula. O que não é o principal objetivo do projeto e nem do cine debate, pois o projeto tem uma filosofia de buscar o letramento cultural do aluno que é público das atividades executadas. A fala desse professor, apesar de sua não participação ou pouca memória sobre o projeto, foi muito rica, e corrobora para as demais quanto à questão do não desdobramento de ações do projeto na escola, e ainda demonstra que o aluno não se mostra interessado pelas áreas científicas de conhecimento apresentadas nas palestras realizadas na escola X durante a execução do projeto. Há, para ele, uma dificuldade de compreensão do próprio conceito e da filosofia dessa atividade, e que ele acredita não ter aderência com as atividades curriculares. Essa é uma das tensões apresentadas no seu discurso.

A professor B que havia dito também não se recordar muito e ter participado de poucos momentos, porém uma vez sendo entrevistada, mostrou-se recordar muitos momentos e situações, inclusive da execução de algumas atividades. A riqueza de detalhes e informações passada nas falas dessa professora levaram a excelentes constatações, inclusive no que diz respeito a principal tensão que se está investigando, que é a do discurso do palestrante com o entendimento dos alunos que o assistia. Segundo a professora em questão, há um distanciamento desses elementos, causando pouco diálogo. O debate fica prejudicado quando isso acontece.

Pode-se constatar por toda fala da professor B que a mesma demonstra sentir uma tensão imensa entre a fala dos professores e seu agir, quando questionada se houve aproveitamento e se o projeto seria aplicado e como foi a aplicação, ela demonstrou insatisfação e decepção por conta dessa falta de traquejo com o alunado por parte dos palestrantes, que, segundo a professora pareciam não ter experiência com diálogo com alunos de Ensino Básico, até mesmo pela inexperiência em sala de aula para esse tipo de público.

A professor B confirma muito do que foi adiantado pelo professor A, dando conta de um discurso mais rico diante do anterior, pois recordava de ações do projeto na escola X. Ela participou mais das reuniões pedagógicas e relatou que o que foi dito como filosofia das atividades ali expostas não se transformaram em ação e, ainda mais

grave, os professores palestrantes não conseguiam atingir ao público alvo, o alunado das turmas contempladas com as atividades, causando uma espécie de lacuna entre o palestrante detentor da linguagem acadêmica e científica e o aluno, leigo que até poderia ter um certo conhecimento prévio de determinados assuntos, mas não conseguiam atingir ao que era exposto e assim não se conseguindo elaborar questões que poderiam vir a compor um debate, uma discussão entre quem estava gerando o discurso e o interlocutor, o dito “poeta” (leigo).

No discurso da professor C mostrou lembrar-se de quase toda a execução do projeto na escola. Por ser da mesma equipe da professora que realizou o projeto, que faleceu ano passado, ela pôde explicar tudo o que foi executado com maior riqueza de detalhes. De acordo com sua fala, ela diz que aproveitou, apesar de seus alunos serem de Nível Médio e terem um conhecimento já prévio, o que não acontecia com os alunos de Nível Fundamental, ela conseguiu entrosá-los e incentivá-los e, posteriormente ainda abordar alguma revisão de conteúdos em sala de aula. Ela afirma que acredita que as atividades lúdicas, tal como o planetário seriam mais interessantes e populares e que motivaram e causaram mais interesse do alunado. A professora C mostrou mais satisfação com a execução do projeto, mas mesmo assim relatou tensão entre a execução e a falta de desdobramentos dentro da escola. Ela ainda relata que os alunos não se interessam por essas áreas de conhecimento científico por conta das exposições feitas pelos palestrantes e atividades executadas, e sim pelo exemplo dos professores da escola X dessas áreas trabalhadas. Ou seja, segundo a professora C, o caráter extensionista e de divulgação científica do projeto não é bem sucedido com os alunos da escola X, ao se executarem projetos com o formato do oferecido pelo “Ciência para poetas na escola”.

A pedagoga Adriana Vicente além de fornecer documentos importantíssimos para análise documental que gerou a discussão teórica desse trabalho, gerou falas de uma entrevista riquíssima, apesar da forma ter sido mais fluida, com questões entremeadas com as suas respostas. Adriana Berti passou por todo processo da construção, concepção e reestruturação do projeto da “Casa da Ciência” até vir a itinerar pelas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro. Por isso, a pedagoga da Casa da Ciência deu detalhes interessantes que puderam ajudar a compreensão do que foi exatamente tudo que foi feito. Adriana Berti também cita em suas falas que a tensão palavra-agir estudada é identificada por professores que muitas vezes vinham a buscá-la pedindo que retornassem em um segundo momento com discursos menos distantes do seu público alvo. Sendo assim, não se pode deixar de constatar que existem sérias

dificuldades dos professores de universidade em apresentar determinados assuntos, temas de algumas áreas de conhecimento de ciências, como por exemplo, as mais abstratas tais como: a matemática e a física.

Com os dados obtidos, puderam-se reunir elementos suficientes para analisar o objeto de nosso estudo. Seria justamente pautado na observação dessas falas que dão conta da tensão apresentada por alguns dos professores sobre o projeto. Essa dicotomia entre palavra e agir que seria dentro da semiótica analisada. Foram estudadas algumas metodologias dentro da fenomenologia e hermenêutica pertinentes que viriam servir para tratar de forma qualitativa e com viés mais científico o assunto pesquisado, por dentre as teorias estudadas, a hermenêutica de Paul Ricoeur usar a razão, ela foi escolhida.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos principais desse trabalho são de constatar a definição da palavra “poetas” do título do projeto de extensão com sentido de divulgação científica que se originou na Casa da Ciência e passou a itinerar por escolas públicas do estado do Rio de Janeiro e tentar averiguar as delimitações semânticas ocorridas nesse processo, buscando também as possíveis tensões entre o que se discursava e a ação que se desdobrava a partir dele.

O processo de ação associado ao projeto indica a necessidade do grupo social (membros da academia) dar-se uma imagem de si mesmo, de representar-se, pôr-se em jogo, em cena, e nesse sentido justificar-se ao valor fenomenológico dado. A análise documental do projeto “Ciência para poetas” demonstra que o grupo pretende ter razão em ser o que é. Assim, pode-se perceber que o projeto é não somente reflexo, mas justificação. Possui função generativa a partir de processos simplificadores e esquemáticos da atividade científica, com o objetivo de atribuir valor de verdade à prática da pesquisa científica em geral.

A atribuição da palavra “poeta” como endereço de público no projeto preconiza o sentido de alcançar o público leigo. Todavia, o propósito da ação do projeto, ao estar situado na escola, justifica uma extensão desse sentido original, pois vai ao encontro de sujeitos que podem tirar proveito acadêmico de uma atividade escolar. Propõe-se assim, percebendo-se a necessidade de estudar a ação como um fenômeno ideológico, motivado pelo discurso derivado do texto. Todavia, é importante considerar a ideologia como um fenômeno mais vasto, que pode ser indicado como uma “integração cultural”.

Outro cenário importante, que deve ser destacado no projeto, refere-se ao exercício do viés teórico de confluência entre a hermenêutica e a semiótica. Ainda que o presente estudo tenha conseguido manifestar somente alguns aspectos das potencialidades entre esses campos, parece bem evidente a importância de adotar-se tal viés em estudos dessa natureza. Essa afirmação está ancorada na admissão do papel crucial da linguagem como constituidora da atividade humana, e como uma função motivadora para as diferentes formas de “estar no mundo”.

Parece ser nesse sentido que o projeto “Ciência para Poetas na Escola” atua, ou seja move-se da palavra para a ação. Todavia, existem certas manifestações discursivas, evidenciadas nas falas dos professores entrevistados, que remetem a uma expressiva

função ideológica nas atividades desenvolvidas no projeto. Seria muito importante verificar a dimensão interpretativa dos alunos participantes do projeto, todavia devido a limitações metodológicas essa triangulação não foi possível.

Ao final parece importante também salientar a necessidade desse exercício hermenêutico praticado no projeto. Um exercício de recontextualização, de modificação de palavras com o objetivo de transformar grupos, pessoas, interferir e modificar a escola em sentido de aproximá-la da ciência ou de seus interesses.

Pode-se concluir que apesar do sucesso do projeto na Casa da Ciência e em algumas escolas em que foi apresentado, os coordenadores do projeto devem tomar cuidado quando o aplicam nas escolas justamente com a questão da delimitação semântica entre os professores (os que detém o conhecimento da linguagem científica) e os “poetas” (leigos que não conhecem tanto de ciência, apesar de algum conhecimento prévio através de disciplinas na escola cursadas pelo aluno). Cada grupo possui uma forma de comunicação e, pode ser que ocorra, dependendo da exposição dos assuntos abordados, um distanciamento entre o emissor do discurso e o interlocutor que o recebe.

## REFERÊNCIAS

- CAVALIERI, E. Transcendência e imanência na fenomenologia de Husserl. **Estudos de Religião**, São Paulo, V. 27, N. 1, p. 35-58, jan./jun. 2013.
- CESAR, C. M. Ação, sabedoria prática e liberdade em Paul Ricoeur. **PROMETEUS**, São Cristóvão, SE, Ano 6, n. 11, p. 93-106, jan./jun. 2013.
- CRESSWELL, M. J. **Semantic Indexicality**. New York: Kluwer, 2010.
- DILTHEY, W. **Poetry and experience**. New York: Princeton Univ. Press, 1985.
- FÁVERO, M. H. Desenvolvimento psicológico, mediação semiótica e representações sociais: por uma articulação teórica e metodológica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.21, n.1, Brasília, jan./abr. 2005.
- FERREIRA, L. S. M. Entre a Fenomenologia e a Hermenêutica: uma Perspectiva em Psicoterapia. **Revista Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 143-148, jul./dez., 2009.
- GALEFFI, D. A. O que é isto - A Fenomenologia de Husserl? **Ideação**, Feira de Santana, n. 5, p. 13-36, jan./jun. 2000.
- GOMES, M. B. Hermenêutica e Comunicação: apontamentos para uma teoria narrativa da mídia. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, v. 7, n. 2, p. 26-46, maio/ago. 2012.
- HUSSERL, E. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.
- LAFUENTE, M. A. C. Introducción al pensamiento de Paul Ricoeur. **Thémata, Revista de Filosofía**, Sevilla, n. 19, p. 219-223, 1998.
- LAMPREIA, C. Linguagem, internalização e cognição em Vygotsky. *In: As propostas anti-mentalistas no desenvolvimento cognitivo: uma discussão de seus limites*. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 1992, p. 106-196.
- COUBE, F. M. Heranças entre a fenomenologia de Husserl e a psicanálise de Freud: um (im) possível encontro entre Paul Ricoeur e Jacques Derrida. **Sapere Aude**. Belo Horizonte, v. 4 - n. 8, p. 215-228 – 2º sem., 2013.
- NALLI, M. Paul Ricoeur leitor de Husserl. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 155-180, 2006.
- PIRES, J. J. Considerações Sobre o conceito de intencionalidade em Edmund Husserl. **Kínesis**, Marília, v. 4, n. 7, p. 286-302, jul./2012.
- RICOEUR, P. **Del texto a la accion**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- \_\_\_\_\_. Phenomenology and Hermeneutics. **JSTOR**, Illinois, v. 9, n. 1, p. 85-102, abr. 1975.
- RUEDELL, A. Hermenêutica e linguagem em Schleiermacher. **Nat. hum.**, São Paulo, v.14, n. 2, p. 1-13, 2012.
- SCHUTZ, A. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- SILVA, L. B. O. A interpretação hermenêutica em Paul Ricoeur: uma possível contribuição para Educação. **Comunicações**, Piracicaba, ano 18, n. 2, p. 19-36, 2011.
- SIVINSKI, D. J. A Identidade Narrativa de Paul Ricoeur: pressupostos, referências e proposta. *In: Seminário Internacional Linguagem, Interação e Aprendizagem e VII Seminário Nacional Linguagem, Discurso e Ensinos*, 2010, Porto Alegre. *Anais ...* Porto Alegre: 2010, UniRitter, Curso de Letras/PPGLetras. Disponível em <[http://www.uniritter.edu.br/mestrado/letras/linguagem\\_interacao/index.php?secao=eventos](http://www.uniritter.edu.br/mestrado/letras/linguagem_interacao/index.php?secao=eventos)>. Acesso em: 23/10/2014.
- TEIXEIRA, D. Resenha: Husserl, E. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. Introdução geral à fenomenologia pura. **Cadernos de**

**filosofia alemã.** Tradução de Marcio Suzuki. São Paulo: Ed. Ideias e Letras, 2006, São Paulo, n. 10, p. 147-156, jul./dez. 2007.

VOLLET, L. R. Semântica, empirismo, filosofia. **Problemata, Revista Internacional de Filosofia**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 163-188, mai.2013.

ZILLES, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica**, V. 13, n. 2, Goiânia, jul./dez. 2007.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1 - FALAS DO PROFESSOR A

D: o que você entendeu pelo nome “Ciência para poetas”?

L: olha, eu posso dizer o que eu entendo, né? ((ãh rãm)) hoje, porque assim, eu... eu não lembro de ter participado desse projeto, então não lembro de uma apresentação formal de pessoas da UFRJ dizendo, olha é isso, isso, aquilo... posso fazer uma reflexão aqui, agora e: “Ciência para poetas”? é um: é um tema bastante puxado, né? Considerando que eu trabalho rapidamente com o termo ciência em algumas séries é:: eu entendo que o termo “ciência” tem a ver com razão... e razão tem a ver com observação e experimentação... a poesia não necessariamente trabalha nesse viés também, né? de observar e experimentar o tempo todo, então na verdade eu vejo que é um tema: bastante: é:: complexo, né? controverso até... então, assim... é isso, de maneira breve é isso...

D: a execução do projeto tinha algo relacionado com o que você imaginou?

L: eu não lembro... como eu não lembro do projeto... /é você só lembra que você pegou aquele filme que você tava na execução, mas só usou depois/ é... pois é... / e apresentou, né?/ pois é, eu não lembro de nada mesmo do projeto, absolutamente nada... então, assim... o filme inclusive quando foi passado, foi passado porque tinha alguma ligação com a turma que eu trabalhava, assim... eu passei porque tinha alguma ligação com o conteúdo programático deles/ então você.. / e calhou de ser o mesmo, então: [então... o que eu vou perguntar agora até parece óbvio =

D: [mas então você não teve conhecimento do projeto “Ciência para poetas na escola”?

L: não, não tive... se eu tive, foi um contato bem tênue, bem leve/ sim / que faz com que hoje eu não tenha lembrança / não lembrasse... / (...)/ é... / de nada...

D: você participou da execução do projeto?

L: não...

D: qual foi a sua participação na realização do projeto?

L: nula, né? talvez a participação de é: ãhm: de ter aparecido em uma foto... / sim... / no auditório... / é.. enquanto o filme estava passando... / é... ((ri))

D: é::: como sua turma reagiu à execução das atividades do projeto na escola? cê pode falar, inclusive com relação ao que você passou depois...

L: é... assim... eu não sei... não sei como foi o projeto... não sei como ele caminhou aqui na escola... então por não saber disso, não sei como é que a turma é... encarou isso... como é que ela viu isso... posso falar em relação ao filme... né? havia uma proposta de fazer uma reflexão breve sobre Cinema Novo... o filme “Cinco vezes favela” é... ele tava sendo produzido pela segunda vez... tanto é que o nome dessa segunda versão é “Cinco vezes favela: agora por nós mesmos”... surgiu com a participação dos atores da periferia de um modo geral algo que: na condução do filme algo que não tinha acontecido... né? eu não sei qual foi a década que o filme foi produzido.... se foi década de cinquenta ou sessenta, mas foi um filme bem: diretor-projeto-aplicação e os atores cumpriram... agora não... agora havia um envolvimento com a participação de todos.... todos eram pra: protagonistas, na verdade, né? é... então assim... eu quis trabalhar com a ideia do que era o Cinema Novo / sim / e aí por conta disso eu não peguei o filme antigo, preto-e-branco... / sim... sim... / peguei o filme mais recente.... aí pra entrar nesse assunto de Cinema Novo/ aí você aproveitou aquele filme que foi passado... / sim... / que não funcionou... / sim... / na.. na hora... / sim... / e você usou... / é... sim... exatamente... para dialogar... com o conteúdo que a gente trabalha na História, mais precisamente no período JK...

D: é... aí, no caso... qual foi a resposta que você acredita que houve dos alunos quanto à atividade? no caso, até posterior?

L: olha::: eu, geralmente quando trabalho com filme... e aí eu vejo esse filme sendo passado... não dentro do projeto / hum rum / se eu lembro de ter visto o filme com eles... e eu lembro de ter visto o filme com eles... eu vi porque tinha alguma coisa a ver com o nosso momento, entendeu? e aí, eu... prática minha... eu quando passo um filme... quando eu trabalho um filme com alguém... eu não tenho intenção alguma de ter resposta. Eu acho que você passar um filme qualquer, passar um vídeo qualquer, uma música qualquer, seja lá o que for e obter uma resposta qualquer, né... Produzir um debate, uma discussão.... eu acho que isso:: pra mim, né? Eu acho que isso deve surgir de maneira natural... / entendi / se surgir, surgiu... se não surgir... não surgiu... / hum rum / tanto é que eu participo de um projeto... projeto... eu não gosto de usar essa expressão projeto é... porque eu acho que a gente banaliza o que de fato é um projeto... / hum rum / mas assim... eu passo atividades extra é... atividades extras é... é... e... com um filme, né? Uma vez por mês... pelo menos... e assim... o compromisso é: vamos ver o filme... se acontecer alguma coisa... aconteceu... se não acontecer... não aconteceu... às vezes acontece... às vezes termina o filme, fica todo mundo sentado esperando

alguma coisa... às vezes, né... é... é... não acontece nada... a galera termina, levanta e vai embora... então... assim... eu espero acontecer alguma coisa... se acontecer muito bem... se não acontecer... paciência... é assim mesmo...

D: é... no caso... você não vai nem poder dizer se gostou ou não do que foi apresentado no projeto / nã: não / no caso daquele... você não se lembra, né? / sim... / É::: você aproveitou em suas turmas futuras? sim... porque você, pelo menos usou o... o... cinema, né? o... o.. a questão do filme / mas isso... isso é uma coisa que antecede o próprio: o próprio projeto da UFRJ, assim... / sim... mas assim, você acabou aproveitando aquele filme e usou... / é... usei... / de alguma forma... / é... sim... sim... / foi aproveitado...

D: houve um maior interesse pelas áreas é... das ciências apresentadas pelas atividades do projeto por parte de seus alunos? você não tem conhecimento... / pois é... / não sei dizer...

D: você lembra de algum tipo de manifestação dos seus alunos que você possa relatar?

L: em relação a esse projeto ciência e poeta, não... / não, né? / não...

D: você poderia avaliar se houve por parte de seus alunos é... de ter participado... é... ou então... de ingressar à Universidade a partir desse projeto?

L: não... / não, né?

D: então brigada ((ri))...

L: de nada...

## APÊNDICE 2 - FALAS DO PROFESSOR B

D: o que você entendeu pelo nome “Ciência para poetas”?

L: “Ciência pra poeta”? foi uma iniciativa do museu da ciência... Museu Casa da Ciência da UFRJ... em aproximar a Universidade dos estudantes de Ensino Médio... que eles conhecessem melhor a Universidade...

D: a execução do projeto tinha algo relacionado com o que você imaginou? do que você lembra?

L: olha... eu participei de um encontro: né? porque assim... qual era a dinâmica? a dinâmica era trazer um acadêmico das mais diversas áreas de conhecimento da UFRJ / hum rum/ e ele interagir com o... os estudantes de Ensino Médio... / sim... / a proposta: muito boa... agora... teve alguns problemas... quais problemas? a didática... a didática do::: palestrante... porque... de um modo geral... o que eu vi... foram palestrantes extremamente acadêmicos sem a experiência com a Educação Básica... e na hora do... do... do diálogo com estudante do Ensino Médio criou uma relação:: vertical e não horizontal... / não teve diálogo quase, né? / é... / não teve um debate, né? / o debate que eu vi é... e que teve essa preocupação... foi o debate em que as coordenadoras da Casa da Ciência, né? fizeram uma dinâmica com os meninos... / sim... / apresentando o projeto... / certo... / então houve um diálogo... houve um interesse... agora os acadêmicos em si... né? eles não conseguiram, por conta de: essa falta mesmo de diálogo...

D: você teve conhecimento do projeto “Ciência para poetas na escola” dentro da escola?

L: não... foi fora da escola...

D: você participou da execução do projeto?

L: da execução, não...

D: e::: qual foi a sua participação na realização do projeto aqui na escola?

L: é... a minha participação... na verdade... eu fui a mediadora entre a coordenação do projeto na UFRJ e a apresentação pra coordenação da escola...

D: ok... é... como sua turma reagiu à execução das atividades do projeto na escola?

L: pois é... eu acho que, de um modo geral foi isso... houve um estranhamento, / hum rum... / né? houve uma participação, até por conta do nome do projeto interessante... o objetivo do projeto também é interessante... essa aproximação... agora não basta você ter um projeto, né? a realização dele depende de você ouvir o outro... / hum rum... /

D: é... qual foi a resposta que você acredita que houve dos alunos quanto à atividade? isso eu já tinha perguntado, né? você gostou do que foi apresentado? No caso, foi do seu agrado?

L: não... olha só... o que foi apresentado foi bastante interessante... eu me lembro... que teve uma palestra... com alguém falando sobre... é... não sei se foi sobre Astronomia... / foi Astronomia... / um tema super interessante... / foi teve Astronomia, sim... / agora, o que que acontece... na hora de você abordar... você partiu de um... dum pressuposto acadêmico... sabe? sem perceber o chão da escola... então assim... / isso pode até afugentar o aluno, né? da Universidade ((ri))... / ou... ou:: o professor da disciplina com os meninos... ele:: faria essa ponte... ou o acadêmico que tá vindo faria essa ponte... / sim... / essa ponte não foi feita... então ficou uma coisa que... pro aluno... / monólogo de um lado monólogo pro outro... / é um aluno... um... um... um profissional ideal... sabe? um estudante ideal.

D: você aproveitou nas suas aulas futuras?

L: pois é... né? como não era do... da... da... minha... eu não vi nenhuma que fosse de História, / entendi... / sabe... foi mais pra ciências, é... exatas, né?

D: houve um maior interesse pelas áreas das ciências apresentadas pelas atividades do projeto por parte dos alunos?

L: eu não tenho como avaliar... / ok... / né? me parece que assim é... é... eu não percebi continuidade... / entendi... / não percebi o projeto dentro de uma perspectiva de aproximação: dos estudantes com a Universidade e a partir daí um entrosamento, embora nessa escola, é... tenham projetos de articulação / sim... / e a gente vê isso na Feira de Ciências, a gente vê isso na participação dos estudantes de diversos... e até em congressos, mais nas diversas olimpíadas na área de ciências, olimpíadas de astronomia... / esse pelo que você viu... não teve continuidade... / é... não através do projeto... / sim... / mas sim... mas possivelmente uma palestra / possa ter interessado possa ter um ao outro... ou outro individualmente que você não tenha percebido... / não enquanto pra escola como um conjunto... / ok... /

D: você poderia avaliar se houve por parte desses alunos maior interesse de

ingresso na Universidade nessas áreas abordadas pelas atividades do projeto?

L: pode ser... não sei... porque na verdade não foi feita nenhuma pesquisa com os alunos / sim... / a cerca de... houve apresentação... pode ser que possam ter devolvido para direção pedagógica... pras coordenações pedagógicas... agora não necessariamente no cotidiano e com os professores... / ok... /

D: brigada...

L: de nada....

### APÊNDICE 3 - FALAS DO PROFESSOR C

Observação do professor C sobre a execução do projeto

D: é... no caso... você me relatou que a professora que coordenou é... o projeto é... a execução do projeto aqui... faleceu, né? eu queria que você falasse um pouquinho sobre isso.

L: sobre ela ou sobre o projeto? / não... sobre o projeto e a execução do projeto com ela... / foi uma estagiária dela, né? a GB e que voltou com esse projeto de uma professora lá... da... da... eu acho que foi da UFRJ, né? / hum rum... / e marcamos as montagens... o que que a S fez? agendamos os dias, distribuimos as turmas e os alunos puderam... Foi muito interessante pra eles, né? Porque ao invés de eles irem ao Planetário, eles estavam na Escola. [ sim... =

D: [ então vou dar início às perguntas... o que você entendeu pelo nome “Ciência para poetas”?

L: porque era uma coisa mais de percepção, né? então era uma coisa pra você perceber... então... isso que é “Ciências para poeta” pra mim... / sim... no caso, a percepção do aluno em relação a se... ele... / a percepção do aluno ao que ele estava vendo ali visualmente...

D: a execução do projeto tinha algo relacionado com o que você imaginou?

L: tinha... porque a gente viu antes... ela veio antes... mostrou o projeto... mostrou os slides... mostrou como era feito... mostrou em outra escola... fez toda uma reunião com a gente antes pra depois exibir para os alunos... / tá... /

D: é... você tinha conhecimento do projeto “Ciência para poetas na escola” da escola, na sua escola?

L: não. foi a primeira vez que ele veio...

D: é... você participou da execução do projeto?

L: participei...

D: e::: qual foi a sua participação na realização do projeto?

L: na realidade... como eu trabalhava mais com Ensino Médio e era um projeto mais voltado para Ensino Fundamental... eu fiz os alunos aproveitarem o que dava pra aproveitar ali... né? mas era uma coisa mais de ver as camadas da Terra, né? era mais a

nível 6º de 6ª série, 6º ano, 7º ano do que outras séries... / sim... é... / meus alunos aproveitaram muito pouco... eu acho... / ((ri)) / ou não, né?

D: é... como sua turma reagiu à execução das atividades do projeto na escola?

L: positivamente... / eles gostaram? / eu entrosei... então eles sempre que visualizam alguma coisa... independente de qual série... eles vão gostar, né? então... entraram... participaram das brincadeiras igual crianças... / ((ri)) /

D: é... qual foi a resposta que você acredita que houve dos alunos quanto à atividade?

L: a resposta dos alunos... uma que eles já tinham conhecimento prévio... de várias coisas... diferente do Ensino Fundamental... / ótimo você tocar nesse assunto... eu vou precisar muito disso / então eles já tinham conhecimento... mas eles puderam reforçar de outra forma esse mesmo conhecimento... através da percepção...

D: você acha que eles viram de outra forma o que estava sendo apresentado?

L: eu acho que alguns, sim... até porque fizeram vários questionamentos... sempre é uma forma simples de ver uma coisa que eles viam de uma forma mais profunda...

D: No caso, foi do seu agrado?

L: gostei.

D: você aproveitou nas suas aulas futuras?

L: eu aproveitei nas... sempre quando faz alguma coisa, eu sempre aproveito nas próximas aulas para reforçar aquilo deles, né? voltar a conversar com os alunos... depois foi adiante, até porque era mais ligado até de geografia em termos de Ensino Médio / sim... hum rum / do que Biologia...

D: houve um maior interesse pelas áreas das ciências apresentadas pelas atividades do projeto por parte dos alunos? cê acha que eles acharam que... eles se interessaram mais... depois que houve essa apresentação?

L: não... tô sendo honesta... / ((ri)) / não teve essa... na época o interesse maior foi o pessoal de Nível Fundamental...

D: você lembra de alguma manifestação de interesse desses seus alunos pelas áreas... que você possa relatar?

L: eu me lembro de alunos do 6º, 7º ano querendo de qualquer maneira o planetário... ficou encantado com tudo que viu... mas aí eu perdi a linha, porque eu não tava diretamente com esses alunos... era a S, minha amiga... / entendi... /

D: você poderia avaliar se houve por parte desses alunos maior interesse de

ingresso na Universidade nessas áreas abordadas pelas atividades do projeto?

L: eu acho que não... até porque são alunos muito novos, né? e do Ensino Médio, como eu te falei eu não sei se...é um projeto / hum rum... entendi... excelente você ter falado isso... isso mesmo... excelente... / que vai fazer o aluno ter interesse... eu acho que faz o interesse é o dia-a-dia do aluno... na realidade... o que influencia é o comportamento do professor durante o ano letivo... muito... / também acho... ((ri)) / quantos alunos meus que não têm nada a ver com Biologia, acabam fazendo Biologia por influência minha... e acabam gostando das áreas afins... agora, um projeto só... ainda mais pouco tempo... a gente faz projeto aqui na escola que é ao longo do ano... aí é diferente do que vir um projeto e ficar três dias aqui na escola... / não é de integração à escola... é uma... é como o professor A disse é como... é de extensão... / é de extensão...

D: brigada...

L: de nada...

#### APÊNDICE 4 - FALAS DA PEDAGOGA DA CASA DA CIÊNCIA DA UFRJ: ADRIANA VICENTE

D: fala seu nome...

L: eu sou Adriana Vicente... sou coordenadora do Núcleo de Educação da Casa da Ciência da UFRJ, hoje... trabalho aqui desde noventa e cinco... depois que a casa abriu... / é: teve uma edição do “Ciência para poetas” em noventa e sete... se eu não me engano... que deve ter sido o início de tudo... / é... o primeiro... o primeiro foi esse noventa e sete, ou noventa e oito... agora eu não me lembro bem / eu acho que foi noventa e sete... / é? bom vamo lá... E como é que surgiu o “Ciência pra poetas”... / e foi com Física, mesmo... Astronomia... uma coisa assim... / foi com Física... “Física para poetas”... foi o primeiro ciclo... o que que aconteceu? é... é... nós somos um centro cultural de ciência da Universidade, então quando a gente faz as atividades, a gente pensa em atingir públicos diversos... cada atividade, ela tem um foco de público, né? a ideia é desmembrar as temáticas... é... de formas diversas, pra atingir públicos diversos... e também pra falar daquele tema de outra... / o que a gente chama de espaço não formal em Educação... / é... exatamente... mas... e aí quando foi nesse período... o professor Ildeu... Ildeu de Castro Moreira... ele sempre foi um interlocutor muito forte na Casa da Ciência... ele sempre foi uma presença muito forte... e nessa época ele surgiu com uma ideia pra gente de fazer ciclos de palestras temáticos buscando a beleza da ciência, né? então... é... e aí a inspiração dele... eram ciclos de palestras que aconteciam em Londres, se não me engano... era na Europa... que se chamava “*Science for poetry*”, né? e outro... Tinha um outro projeto que era “Ciência ao entardecer”... e que eram ciclos de palestras para o público que não era daquela área... com uma visão... tendo em vista uma visão cultural daquela ciência... e qual é a nossa máxima? não só do “Ciência para poetas”, mas da Casa... uma das nossas máximas é que: a ciência... ela é parte da herança cultural da humanidade... se ela é uma produção humana... ela faz parte da nossa cultura... e como parte da nossa cultura... ela.. ela.. ela pode fazer parte da vida... ela faz parte da vida de todos... mas a compreensão, o entendimento dela, mais do que isso... a reflexão sobre ela, no nosso país não faz parte da nossa cultura... então a nossa ideia era botar a ciência na roda... tudo que a gente faz é pra colocar a ciência na roda, né? pra botar a ciência nas conversas das pessoas... e... e aí, esse... esse ciclo... esse...

esse projeto... ele nasceu com a intenção de: um: entender e propagar a ciência como parte da herança cultural da humanidade... com todos os seus viés... com todos os seus intempéries... com todas as questões humanas que perpassam a construção do conhecimento... as escolhas que são feitas... os usos que são feitos, né? os personagens... as histórias que tão envolvidas naquela construção... e como aquilo interfere e modifica a nossa forma de viver... e buscar também a beleza da ciência, né? o que que tem de belo nessa construção... E O “PARA POETAS”... não é que ela é para poetas... mas é para aquela... é porque... é para pessoas que não possuem formação naquela área:: né? então muita gente procura... ((fala rindo)) poetas mesmo... “o que vocês têm para poetas?” ((fala rindo)) uma coisa assim... e a gente tem que dialogar com isso... porque a gente sabe que é um título que não tá explícito o que que é... mas assim... a ideia é essa... a ideia é chamar atenção / ele chama muita atenção... eu já percebi isso... as pessoas ficam muito curiosas quando a gente fala sobre ele... / e também o entendimento da ciência para quem não é cientista, né? e até quem se especializa muito por uma área... a gente que tá na Universidade sabe disso... pouco entende de outra área, né? muitas vezes... acaba sendo “poeta” na visão de outras áreas, também, né? é... exatamente... então o “Ciência para poetas” ele... ele a princípio... ele foi pensado para um público do Ensino Médio em diante, né? pra tratar temas duros de ciência de forma acessível... então a gente já trabalhou Física Quântica... a gente já trabalhou novos materiais... a gente já trabalhou nanotecnologia... a gente já trabalhou questões de química... mas a tentativa nessa interlocução com os professores que veem é de você fazer um trabalho que seja pra chamar atenção do que de herança cultural da humanidade aquilo ali deixou... e quais foram as peripécias, né? ((risos)) e controvérsias que aconteceram durante aquele caminho de construção do conhecimento, daquele conhecimento, né? É.. Mostrar que a ciência é uma produção humana. Ela não é uma entidade. [ é... =

D: [ porque toda ciência tem base filosófica, né? a gente tem base filosófica... a gente discute muito isso no grupo de Semiótica que a gente trabalha... a gente trabalha a parte que é política, o cenário político, o pano de fundo religioso, o que que... o que que levou a de repente alguma teoria a não... não... não realmente se concretizar e a outra ser levada é.. é... né? ser colocada a realmente como válida... / sim... / quais eram os interesses... isso tudo é muito interessante porque a gente vê isso hoje em dia acontecendo e... e... e as pessoas não têm entendimento disso... então se a ciência fosse apresentada de uma forma mais contextualizada a esse pano de fundo as pessoas

entenderiam com mais facilidade e não teriam tanta dificuldade é... porque... ela é muito dissecada... ela é muito dissociada e apresentada de uma forma muito tecnicista é... / exatamente... / né? é aquela coisa, né? Vem uma corrente de uma escola toda, no Brasil que... de interesse de que fosse dessa forma apresentado... mas agora que a gente tá com um olhar um pouco mais holístico... um pouco mais... é... é... global... a gente tá tendo a necessidade de resgatar... até mesmo porque a escola tá buscando até interdisciplinaridade... né? então a gente tem que trabalhar com as várias... né? as várias áreas em conjunto... e isso tá sendo uma dificuldade na escola, né? então, é... um dos meus motivos de buscar o “Ciências para poetas” é essa coisa também do multidisciplinar... foi muito interessante ao meu ver... é... também desmistificar essa coisa que ciência é só ciência de... Química, Física e Biologia... que o pessoal fala muito de escola... e o pessoal acha assim... não... não... têm outras áreas que são englobadas nesse projeto que são ciências... e ciências, ciências... a gente sabe que não é só ciência [ é... =

L: [ e uma coisa bem bacana desse projeto... que com tempo foi acontecendo... foi a gente perceber o quanto ele mexia também com a academia... por quê? / porque eles tinham... / exatamente... para participar do projeto:: os professores eram... muitas vezes eles eram levados a eles mesmos perceber a ciência de outra forma para conseguir se comunicar com público... aconteceu muitas vezes de professores virem aqui sabe? ou na escola... fazer a palestra... o público não se interessar... / sim... isso aí eu peguei... / ele se questionar em relação a isso... reformular e dizer assim: “Eu quero vir no próximo...” “Quero fazer de novo...” [ Então... =

D: [ eu fui na escola X... Na escola X teve professores que falaram exatamente dessa falta de comunicação de... de... diálogo, até mesmo de... é... de interesse do público alvo com o palestrante... e o palestrante, realmente, de uma certa forma... inicialmente se frustrar e depois voltar... e... eu soube e.. e... mais ou menos do.. do.. do que aconteceu com alguns professores do... do... teve uma que até me deu um depoimento, uma entrevista... ela falou que tiveram palestras que... que os alunos não se interessavam... porque o professor não tinha uma linguagem aderente aquele... aquela... aquele... / aquele público... / aquela faixa etária... aquele grupo... [Por isso que a gente diz que é um aprendizado de mão dupla... =

L: / ótimo / [ porque pra Universidade também é importante essa interlocução, entendeu? até pra repensar né? a forma pela qual ela se comunica com... com o público que tá fora dela e como é que ela traz esse público... porque no Ensino Médio também

têm várias questões envolvidas... tem a dificuldade da comunicação e tem a falta de interesse mesmo... às vezes a gente tá em contato com uma temática que pra gente não significa muito... / hum rum / né? isso é um exercício... a gente só... eu costumo dizer pros meninos: que a gente nunca deseja o que a gente não conhece... / hum rum / e pra gente desejar ou não desejar o primeiro passo é conhecer. / sim... sim... pelo menos conhecer inicialmente... / e a gente leva... porque assim... aqui na Casa, ela tem um formato muito diferenciado do que na escola, né? na Casa da Ciência os ciclos de palestras são temáticos... geralmente compostos de dez encontros... de oito a dez encontros... começaram com doze, mas a gente viu que era muito longo, então são de oito a dez encontros... sempre às terças-feiras... sendo uma hora de apresentação e meia hora pra discussão... a partir disso, os próprios professores participantes do “Ciência para poetas” começaram a se interessar por fazer em algo nas escolas... e aí nasceu o “Ciência para poetas” nas escolas... que nasceu com um formato diferenciado... porque a ideia quando a gente ia pra escola de Ensino Médio... era mostrar a amplitude da ciência... as possibilidades de construção do conhecimento... então na escola, diferente daqui, são cinco palestras... uma de cada área do conhecimento... e aí dentro de cada área do conhecimento é... a gente: o professor tem um leque de opções... de temas... temas de cada área... e aí a escola escolhe: qual é o tema que ela quer: entendeu? e aí a gente convida os professores daquela temática... / tem que ter a ver com alguma coisa que eles estão trabalhando? de repente... / pois é, a gente tem, existe uma tensão... essa é uma das tensões do “Ciência para poetas nas escolas”... porque a gente NÃO PRETENDE SUPRIR DEFICIÊNCIA DE CURRÍCULO: né? a gente não pretende... a intenção... eu entendo que a escola precisa disso... / não... digo... assim... às vezes a escola propõem... / A ESCOLA ESTÁ TRABALHANDO “QUÍMICA AMBIENTAL” AÍ QUER UMA PALESTRA DE UM PROFESSOR... isso é válido também... mas não é o objetivo do projeto... / mas tipo... quando... quando vocês podem fazer os dois... vocês fazem esse... esse tipo de coisa? / QUANDO EXISTE AQUELA TEMÁTICA que tá disponível dentro daquele leque, sim... quando não, não... aí ela... aí a gente indica qual grupo da Universidade que eles podem procurar pra fazer esse trabalho... porque a nossa... o nosso objetivo é mostrar a diversidade de possibilidades de conhecimento científico, / é cultural como você disse... / DESPERTAR VOCAÇÕES CIENTÍFICAS pra áreas que os meninos não conhecem, entendeu? porque é o que a gente fala: se numa turma de cinquenta, nós despertamos em dois, em um que seja, já é um diferencial... a CCT mesmo veio com relatos pra mim é... a gente... que.. era uma angústia da gente saber,

como é que isso estava interferindo no ingresso dos meninos na Universidade... / então... esse é um dos pontos que eu tô procurando... / e aí... não, a gente não sabe... e aí o que a gente tem é falas espontâneas, a CCT foi uma que falou pra mim uma vez, que tinham 2 meninos naquele ano que tinham ingressado / que bacana... olha... /no Instituto de Química por conta de terem assistido palestra do “Ciência para poetas nas escolas” de química, entendeu? então, assim a gente não tem esse controle... esse controle a gente só conseguiria fazer por meio no próprio ingresso, na própria inscrição do ENEM... / hum rum / hoje o ingresso é unificado, ele não é só para Universidade, / hum rum / não é só pra UFRJ... / ou então indo às escolas e fazendo uma pesquisa... / é... ou então indo nas escolas... é... mas os meninos já não são os mesmos... porque a gente dá essas palestras no segundo ano, no terceiro. / sobre o uso na minha escola recorte... na escola X foi nos sexto e sétimo anos do Nível Fundamental que estariam hoje no primeiro ano do Nível Médio... o projeto tem vocação para Nível Médio, mas foi usado pra essas séries... / E FUNCIONOU... eu fui aquelas palestras lá, e tinha Nível Médio... eu tive presente em dois momentos na escola X... é... e eu me lembro que eram muitos alunos do Ensino Médio... eu fui numa palestra de Biologia e tive num dia que a gente levou o planetário... / foi o dia que a professora C estava com as turmas dela de Nível Médio... / foi por isso que eu vi o Ensino Médio mesmo lá... porque a escola... a dinâmica da escola é diferenciada, né? às vezes a gente combina uma coisa e quando chega lá é aquela coisa não funcionou e eles botam outra turma e vai isso mesmo... e vai acontecer... e já tá todo mundo aqui... a gente trabalha em escola e sabe que é assim mesmo que rola, né? mas a gente fez várias escolas que só tinham Nível Médio na escola... e... e a coisa... Em algumas funcionou muito bem... em outras não funcionou e os problemas foram diversos, entendeu? / hum rum / os problemas foram diversos, né?

D: e me fala um pouquinho do... do... da questão de... vou resgatar um pouquinho a questão da extensão ou comunicação... porque o projeto é um projeto de extensão, né? mas ele também parece que tem um pouco de...

L: ele não nasceu como projeto de extensão... / hum::: / ele nasceu como projeto de divulgação científica... / então tinha um diálogo, tinha uma comunicação... / é... ele não... na verdade ele sempre foi extensão... mas ele não nasceu com essa compreensão, entendeu? / sim... sim... sim... / e... e aí quando a Universidade começou a discutir isso de uma forma mais efetiva, a gente se deu conta de fazer um projeto de extensão, né? porque as coisas se encontram, é isso mesmo... e hoje... no CNPQ... todos os professores que têm bolsa... eles são obrigados, né? tem uma linha lá... eles precisam

fazer projeto de divulgação científica... eles precisam compartilhar isso para com a sociedade, não só com seus pares aquele conhecimento que tá sendo produzido, né? então, isso é um avanço que a gente tem nessa discussão... / isso é também um desenvolvimento forte pro docente da academia... que eles têm esse conhecimento duro... eles têm uma linguagem muito acadêmica... muito científica... e eles não... não... / ele não traz pra sociedade / não... ((engasgo)) exatamente... e também acho que... (entra moça do café oferecendo um café...) eu acho interessante... porque... eu acho que isso também é... dá uma flexibilidade na linguagem dele na Universidade com os próprios alunos da Universidade... / sim... / que tão cada vez mais informais... mais novos... / ué... teve um período que a Física, né? que o “Física para poetas” aconteceu três vezes... então teve um período que a Física... não sei se eles ainda tão fazendo isso... decidiram começar a fazer: o ciclo que eles faziam aqui: pros calouros: todos os anos... / é por isso... / era uma forma de eles terem uma visão GERAL / de recepção-los melhor e mostrar o que que é realmente a Física... porque às vezes o... o... o aluno tá entrando na Universidade... não sabe o que que tá realmente passando... / quais são as possibilidades? / é... / o que aquela ciência estuda de uma forma geral, né? não sabe... má vamo lá... o que que você precisa de mim?

D: então... eu... eu preciso... deixa eu te perguntar uma coisa... (moça do café chegando com o café nesse momento) é... é... o “Ciência para poetas” quando acontecia aqui... é... como é que era a dinâmica dele? como é que era o público? é... é... qual... tenta descrever em poucas linhas... em poucas tempo o que... ”

L: então... quando ele acontecia aqui... no início ele era bem:: cheio, né? é... agora ele tá esvaziado, mas a gente fica pensando, um pouco... a gente não sabe porquê... um dos motivos que a gente acredita... / pode ser falta de divulgação... / além da divulgação... essa cidade, né? que a gente não anda... então, você che: conseguir chegar seis e meia pra:: pra assistir palestra fica meio complicado, mas enfim... a gente tá repensando ele... o “Ciência para poetas” como é que é a dinâmica? são ciclos de oito a doze palestras, no máximo... temáticas... de uma determinada área de conhecimento... com aquela abordagem que eu te falei... para público em geral... a ideia é que é para público a partir do Ensino Médio e:: elas acontecem sempre às terças-feiras, de seis e meia às oito da noite. / elas ainda existem? Esses ciclos ainda existem? / agora não... agora eles (os ciclos) estão parados... o “Ciência” ainda existe... o projeto ainda existe... nesse momento ele não tá acontecendo... / ele aconteceu acho que a engenharia... / o último foi ano passado em dois mil e treze... / foi lá no... lá na COOPE... se não me

engano / não... foi aqui... mas foi em parceria com a COPPE por conta dos cinquenta anos... / mas eu acho que que foi lá também... / depois eles levaram algumas palestras daqui pra lá... mas o “Ciências para poetas” aconteceu aqui... foi a engenharia... tá? o público era bem diversificado... a gente fazendo análise de público a gente descobriu que tinha muito aposentado muito professor de Ensino Médio... / como é no “Ciência em foco”... / é... muitos professores de Ensino Médio... / vem muito velhinho aqui... ((ri)) / e dependendo da temática você trazia mais jovens ou não... o química que pra mim um dos melhores... o “Química e esporte”... / o professor da química sabe dialogar muito com o pessoal... / que a gente juntou professores da Química com os da Educação Física... / é um pessoal que tem uma linguagem fácil... / foi maravilhoso, né? tinha uma dinâmica gostosa... a gente falou de química de materiais e o outro da Educação Física falava de como aqueles materiais na dinâmica do... daquele esporte em função da mudança dos materiais... então juntando essas duas coisas deu um caldo muito bom... foi um ciclo muito bonito... é... e muito cheio também de público... e... enfim... é essa dinâmica ela é assim.... como é que nascem os temas? Geralmente... um grupo da Universidade... depois que o Física veio nos procurar... outros grupos da Universidade nos procuram... ou a gente procura os coordenadores de extensão de determinados... determinadas áreas da Universidade... e a gente monta o ciclo em reunião com esses professores... pensando o que que daqueles estudos produzidos por aquele Instituto pode ser interessante da gente trazer pro público numa linguagem acessível, entendeu? e que a gente possa fazer essa interlocução com ciência, arte, cultura, né? é... com processo histórico de construção do conhecimento... então são essas conversas que a gente vai tendo. e aí o “Ciência para poetas nas escolas” nasceu dessa dinâmica... com os professores que se interessarem em participar nas escolas, também, entendeu?

D: obrigada, Adriana...

L: por nada, o que precisar me manda um e-mail...